



• CADÊ A •
• OUTRA? •



AMANDA DE MENDONÇA LINHARES

CADÊ A OUTRA?

Cantos cênicos de um corpo duplo.

Memorial apresentado à defesa do Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientadora: Prof^a Dr^a Iara Souza
Linha de Pesquisa 1: Poéticas e processos de atuação em artes
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L735c LINHARES, AMANDA.
"CADÊ A OUTRA?!" CANTOS CÊNICOS DE UM CORPO
DUPLO / AMANDA LINHARES. — 2023.
97 f. : il. color.

Orientador(a): Profª. Dra. Iara Regina da Silva Souza
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduação em
Artes, Belém, 2023.

1. Cadê a Outra. 2. Corpo Duplo. 3. Trajetórias Pessoais.
4. Fetus in Fetu. 5. Rizoma. I. Título.

CDD 790.2



INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ.

Aos seis (06) dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e três (2023), às dezoito (18) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, reuniu-se, sob a presidência da orientadora professora doutora lara Regina da Silva Souza, conforme o disposto nos artigos 73 ao 77 do Regimento do Programa de Pós-Graduação em Artes, para presenciar a defesa oral de AMANDA DE MENDONÇA LINHARES, intitulada: **CADÊ A OUTRA: cantos cênicos de um corpo duplo**, perante a Banca Examinadora composta por lara Regina da Silva Souza (Presidente); Ana Flávia de Mello Mendes (Examinadora Interna); Andrea Flores (Examinadora Externa). Dando início aos trabalhos, a professora doutora lara Regina da Silva Souza, passou a palavra a mestranda, que apresentou a poética e logo depois o memorial, com duração de 50 minutos, seguido pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pela mestranda, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em **aprovação**, com o conceito **Excelente**.

A aprovação do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pela mestranda, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, a professora doutora lara Regina da Silva Souza agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão. A presente ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da Banca e pela mestranda. Belém-PA, 06 de agosto de 2023.

Prof.ª Dr.ª  Lara Regina da Silva Souza

Prof.ª. Dr.ª.  Ana Flavia Mendes Mello

Prof.ª Dr.ª.  Andrea Bentes Flores

 Amanda de Mendonça Linhares

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

AGRADECIMENTOS

É para você, irmã. E por tudo o que não vivemos.

RESUMO

A presente pesquisa intitulada “*Cadê a outra?*” *cantos cênicos de um corpo duplo*, traz como tema as trajetórias pessoais da intérprete-criadora desta obra descobrindo a existência de sua irmã gêmea que não nasceu, pois por ela, foi *engolida*. O fenômeno conhecido como *fetus in fetu* pela medicina, torna-se um elemento secundário nessa obra, dando espaço à imaginação e invenção, ancorada em uma saga: devoradora e devorada. Essa escrita é feita de forma cartográfica, que em um **rizoma**, desdobra-se entre dois motes disparadores, sem início ou fechamento: as frases “**cadê a outra?**” e “**só tem uma**”, ditas pela mãe das gêmeas em seus descobrimentos sobre a perda. Perpassando por esses fatos entrelaçados, tal como um jogo ao falar de **pares**, porém escrito de forma **ímpar**, esse memorial poético resulta em uma apresentação cênica performática, conversando com os principais autores de base Gilles Deleuze, Félix Guattari e Lewis Carroll, sendo este último inspiração criativa visual para a criadora.

PALAVRAS-CHAVE: Cadê a outra; Corpo duplo; Trajetórias pessoais; Fetus in fetu; Rizoma

ABSTRACT

The present research entitled “*Where is the other one?*” *scenic corners of a double body*, brings as its theme the personal trajectories of the interpreter-creator of this work, discovering the existence of her twin sister who was not born, because she was swallowed by her. The phenomenon known as *fetus in fetu* by medicine, becomes a secondary element in this work, giving space to imagination and invention, anchored in a saga: devouring and devoured. This writing is done in a cartographic way, which in a **rhizome**, unfolds between two trigger motifs, without beginning or closure: the phrases “**where’s the other one?**” and “**there's only one**”, said by the mother of the twins in her discoveries about the loss. Going through these intertwined facts, like a game when talking about **peers**, but written in a **unique way**, this poetic memorial results in a performative scenic presentation, talking with the main base authors Gilles Deleuze, Félix Guattari and Lewis Carroll, the latter being visual creative inspiration for the female creator.

KEYWORDS: Where is the other one; Double body; Personal trajectories; Fetus in fetu; Rhizome

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO: perda ou incógnita – qual delas me seduz para essa escrita?	8
1.1.	<i>Àquela que veio</i>	9
1.2.	<i>Cantos Cênicos</i>	17
2.	CAPÍTULO I: A SAGA CRIATIVA SE INICIA	30
2.1.	<i>ATENÇÃO: TÓPICO BÔNUS PRÉ-CAPÍTULO</i>	31
2.2.	<i>VOLTA - vamos falar de Mané Monstro?</i>	34
2.3.	<i>Alices: desdobrando meus laços femininos</i>	38
2.4.	<i>As maravilhas através do espelho</i>	42
3.	CAPÍTULO II: O CORPO DUPLO	45
3.1.	<i>Univitelinas</i>	49
3.2.	<i>Devoradora e Devorada</i>	53
3.3.	<i>Cantos para Alícia: invenção ou redescoberta?</i>	57
4.	CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO CÊNICA: “CADÊ A OUTRA?” CANTOS CÊNICOS DE UM CORPO DUPLO E O MAPA DAS 11 PARTIDAS	66

4.1.	<i>PRÓLOGO</i>	69
4.2.	<i>CENA 1: PARTIDAS 1 E 2 – MEUS BOTÕES</i>	69
4.3.	<i>CENA 2: PARTIDAS 3 E 4 – A OUTRA: MEU ESPELHO, MEU CLÍMAX</i>	70
4.4.	<i>CENA 3: PARTIDAS 5 E 6 – QUEM É A RAINHA DE COPAS?</i>	71
4.5.	<i>CENA 4: PARTIDAS 7 E 8 – LADO B</i>	71
4.6.	<i>CENA 5: PARTIDAS 9 e 10 – COMER PARA CABER: ESTROGONOFE DE CARNE</i>	73
4.7.	<i>CENA 6: PARTIDA 11 – SÓ TEM UMA</i>	73
4.8.	<i>EPÍLOGO</i>	73
5.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74
6.	REFERÊNCIAS INFOGRÁFICAS	74
7.	REFERÊNCIAS CINEMATOGRÁFICAS	75
8.	REFERÊNCIAS FOTOGRÁFICAS	75
9.	REFERÊNCIAS ORAIS	76
10.	APÊNDICES	76

1. INTRODUÇÃO: perda ou incógnita – qual delas me seduz para essa escrita?

Para dar início à essa escrita, preciso respirar.

Respirar, pois, estamos vivendo um momento pós-guerra no mundo inteiro. Existia uma Amanda com objetivos diferentes ao iniciar o pré-projeto para ingressar no programa de pós-graduação em artes. Existia uma Amanda antes de uma pandemia, existia uma Amanda em trajetórias pandêmicas. E hoje, existe uma Amanda em um momento de... respiro. Ainda são muitos os problemas que vivenciamos, de fato. Mas nós, como seres mutáveis, precisamos admitir nossas mudanças físicas, de ideais, de objetivos.

Eu escrevo com carinho. Escrevo não só a quem lê, mas escrevo com generosidade às muitas versões que me acompanharam durante essa jornada. Escrevo também animada às versões que virão até a apresentação desta obra completa.

1. Por falar em versões, aqui eu percebo que já dou início ao conceito de “**perda**”. Existe um luto dos meus “eus” abandonados, que não necessariamente são extremamente dolorosos, mas que existem em consciência para o surgimento de um “eu” novo. É de se concordar que o **eterno retorno** é uma ideia que nos gera autoquestionamentos, afinal de contas “(...) Nietzsche pôs muitos filósofos em dificuldade: pensar que um dia tudo vai se repetir como foi vivido e que tal repetição ainda vai se repetir indefinidamente! O que significa esse mito insensato?” (KUNDERA, 1929, p.9). Eu paro para pensar: então, ciclos não se fecham? E o que dá início ao novo então? Como é que acontece a abertura e fechamento de “fases”? Parei para pensar que o “eu novo” ocupa o espaço de um mesmo corpo, mas reinventando e enxergando a trajetória de uma forma diferente... ou, quem sabe, semelhante por um olhar de amadurecimento. Talvez seja isso um dos grandes desdobramentos do que pode significar, de fato, uma perda.

Eu já tive muitas perdas junto às “perdas de si” e acredito que todas elas estejam relacionadas às “angústias de base” (ARTAUD, 2017, p. 39 e 40). De base, pois minha primeira perda aconteceu na barriga de minha mãe. E talvez de angústias por justamente não ser uma memória minha mental. E sim uma história contada para uma criação e/ou descoberta de um possível corpo duplo.

Minha mãe, Luciângela Leal Mendonça, armazenava em seu útero de primeira gestação, gêmeas univitelinas.

Eu,

Amanda

E ela,

Alícia.

Meu pai, Leonardo de Oliveira Linhares, nos esperava com alegria, amor e todo o suporte necessário.

1.1. Àquela que veio

Alícia ficou com a gente somente até nossos seis meses. Eu me desenvolvi melhor do que ela e acabei engolindo minha irmã, um fenômeno chamado na medicina de *fetus in fetu*. O fenômeno é entendido como “(...) um tipo de gemelaridade bastante intrigante, já que o feto parasita cresce no interior do corpo de um hospedeiro que é seu irmão gêmeo.” (OLIVEIRA; MAGALHÃES, 2007). Nesse encontro fetal através dos meus impulsos, para a composição de uma persona, minha Alice-Alícia, implica-me em algumas questões: O que me faz crescer e não caber nos lugares? O que me faz sentir pequena, alimentando uma espécie de “mania depressiva”? (DELEUZE, 1974, p. 157). Alícia está onde? Através do Espelho? Em um mundo das Maravilhas? Cabe na realidade inventada, ficcional? Em que realidade os corpos tênues (des)norteados pela inquietude estão imersos? Não estaríamos NÓS do lado invertido e não seria a outra realidade uma convincente e satisfatória aos nossos vácuos?

Alícia, além de minha primeira companheira, que dividiu comigo minha primeira casa e minha primeira sensação de liberdade simplesmente por estar viva, também foi a minha isca. Conversando com Deleuze, me encontro nessa possibilidade ao entender que “um irmãozinho usa seu irmãozinho como isca; os corpos se misturam, tudo se mistura (...)” o que me faz questionar durante a investigação “quem está na superfície?” Amanda ou Alícia? E nesse “combate de profundezas” de nossos dois corpos, (DELEUZE, 1997, p.31), acredito ser o momento de também dar voz a ela.

Eu amava crescer e ouvir meus parentes e amigos antigos de família dizerem “tu engoliste tua irmã!” e cada um me contava uma versão diferente. Uns me diziam que era brincadeira, que era mentira, outros dramatizavam criando um grande sofrimento, outros (até mesmo meu pai)

levavam para um lado espiritual me questionando “será que tu tens um encosto?”. Tudo isso me causava certa curiosidade e preenchimento, mesmo não tendo memórias mentais desse corpo hospedeiro.

E sim, eu adorava ouvir todas as versões. Talvez algumas necessárias, outras confortantes, outras nem tão convincentes e que sem perceber me geravam culpa. Aliás, comecei a descobrir e aceitar isso nesse processo de pesquisa. Em sala de ensaio, na escrita, nas muitas leituras e principalmente, quando narrava meu projeto para meus professores e colegas de sala de aula. Falar da minha pesquisa sempre me fez muito bem, me ajuda a de fato me sentir “através do espelho” (CARROLL, 2017), entendendo e me questionando mais ainda do porquê escolhi Alícia como meu fenômeno.

Gostaria de apertar aqui um desses tópicos: a visão de meus colegas e professores. Todas às vezes que eu apresentava minha pesquisa em andamento, entre as devolutivas positivas e correções, eu recebia também a **impressão**:

“Ainda sinto muita **culpa** na sua fala. Não foi sua responsabilidade Alícia não nascer. Acho que você precisa se libertar disso e realmente viver essa pesquisa de um jeito mais objetivo, encontrando fundamentos para além do sentir-se culpada.”

Aprofundando, penso que existem dois pontos curiosos em falas assim. O primeiro é que era uma impressão comum da maioria dos meus ouvintes e leitores processuais. O segundo, e talvez mais dominante a longo prazo, é que eu não sentia essa culpa que eles estavam observando. Tenho a plena certeza de que opiniões são bem-vindas ou **não** em relação a uma obra em construção de um pesquisador. E por mais natural que fosse o caminho: “observa se te cabe, se não te couber, jogue fora”, eu resolvi trabalhar com esse confronto.

E aí me vem o outro subtópico dessa introdução que é a **incógnita**. Mistério, segredo, problema e outros similares que participam da sua etimologia, inquietaram minha cabeça. Como eu vou criar uma obra de uma memória que não é minha? De uma lembrança que foi somente jogada no meu peito? Seria mesmo potente e necessário para a academia de artes mais uma pesquisa de si?

Existe uma continuação também afirmativa de uma das falas que já citei anteriormente nessa escrita. A fala “tu engoliste a tua irmã!” me levava a também encher a boca para falar com orgulho para as pessoas:

“você sabiam que eu era – pra ser – gêmea?”

E eu tinha as reações devolvidas mais inusitadas possíveis. Quase que as mesmas reações de quando me comunicavam, só que com um sentimento diferente; de curiosidade mesmo. As pessoas perguntavam se eu estava brincando, afirmavam que era mentira até acreditarem ao me ouvir falar.

“É verdade, gente! Nós éramos idênticas, inclusive. Univitelinas. Mas eu engoli... quer dizer... ela ficou menor do que eu e eu comi... algo assim. Foi mais ou menos quando minha mãe estava no sexto mês.”

Me ouvir falar disso às vezes com menos de dez anos de idade, me encantava, me deixava curiosa. E confusa demais também. Hoje, percebo que talvez a culpa venha desse lugar. Eu repetir que engoli Alícia, que eu comi, e mais tarde nesse processo criativo me denominar como **devoradora**, realmente foi me deixando ainda mais investigativa. Logo, uma possível “falta de paz” em uma curiosidade oriunda da culpa, de um mistério familiar que **apesar de me envolver**, não me **cabia**.

Para explicar melhor de onde vem origem, preciso aprofundar mais uma vez em minha criação.

Nascida em Belém, meu nome veio pelo seu significado: a digna de ser amada. Filha de pais bem novinhos e bem diferentes, cresci no bairro do Guamá com a minha mãe, na casa de minha avó; mais especificamente no endereço que gosto de chamar “Vila Lima, casa 1”. Passei dez anos de minha vida me pensando filha única, mas hoje sei que nunca fui filha única, pois existira Alícia, minha irmã gêmea, não nascida. Algumas memórias em fotografias para a construção desse texto poético e performance, consistem em um objeto de investigação importantíssimo: O **álbum de família** da minha mãe. Nele ela guardava nossas fotos com muito cuidado, e disso uso como elemento chave de pesquisa para compor esse memorial:



Figura 1: Álbum de Família – Mendonças.



Figura 2: Álbum de família - Papai e Mamãe.

Acima, na foto da casa na vila, estão meu pai, minha tia Dani, minha mãe, eu, meu primo Henrique que morava com a gente na época, minha avó Lúcia, e meu avô Angelísio, mais conhecido como “Seu Leão”. O casal novinho, meus pais. Eis minhas primeiras casas.

Quando minha mãe soube que estava grávida foi um grande susto pela sua idade e porque estava no meio de sua faculdade de direito. A primeira pessoa que ela contou sobre a gravidez, até mesmo antes de saber que éramos gêmeas, foi a minha tia Dani, sua irmã mais nova, quem veio a tornar-se minha madrinha de batismo. Minha mãe, em meio a receios sobre o que fazer com sua gestação por medo da reação da família do meu pai, teve todo o apoio da tia Dani, que fez uma promessa: acontecesse o que acontecer, ela estaria ali para criar a(s) criança(s) com a minha mãe.



Figura 3 Álbum de família - Tia Dani e Mamãe.



Figura 4: Álbum de família - Mamãe, Tia Dani e Eu.

A vida na vila me gerou as melhores lembranças da minha infância: brincar na rua, ter meu primeiro cachorro (o chocolate), além de ser acolhida por avós e uma tia maravilhosa que estavam sempre presentes quando eu não podia acompanhar a rotina corrida da minha mãe, que conciliava sua vida como advogada e atriz. Existem memórias realmente muito específicas daquela casa, como por exemplo deitar-me na rede ou no chão com meu avô Leão, minha avó me carregar e fazer uma dancinha que me fazia rir muito, a tia Dani me ajudando com lições de casa e sempre me tratando como realmente uma mãe. Minha mãe sentada no sofá contando histórias de fantasma e imitando meu jeito de acordar. Ela dizia que todas às vezes que me acordava eu dizia “não vou!”, o que acabou virando um jargão da casa.

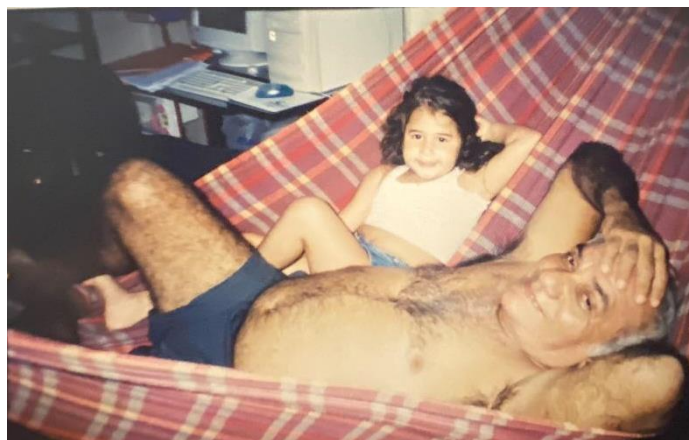


Figura 5: Álbum de Família - Vovô e eu.



Figura 6: Álbum de Família - Eu e Chocolate.



Figura 7: Álbum de família - eu e a visagem.

1.2. Cantos Cênicos

O fator que talvez mais me atravessasse, a ser desdobrado de forma mais veloz durante o corpo dessa escrita, é a origem viva de tudo isso: os **cantos cênicos** que me embalam desde a infância. Minha mãe, artista, denominava-se “cantriz”. Com seu canto eu cresci, amadureci e aprendi. Ouvi, inclusive essa história através de sua voz. Além de muitas outras formações que dela partiram em forma de cantos e suas cenas.

Além de me tornar uma apaixonada pela profissão, **fazer cantos** sempre foi para mim uma válvula de escape espontânea. Eu tinha muita facilidade de criar músicas para me divertir sozinha mesmo. Ou cantar músicas que eu gostasse para passar o tempo. Sempre existiam **cantos cênicos** em minha vida cotidiana, principalmente ali, naquele espaço e com àquelas pessoas. A Vila Lima é meu primeiro lar, onde abriga minhas

primeiras memórias. Se tornou física-mentalmente um objeto de estudo por tudo o que ali ocorreu, por cada parte que compõe àquele espaço. Assim, talvez, teria sido também para Alícia. Adentro então, em minha outra casa nessa jornada de criação.

Além da família por parte de mãe, também sou muito grata à toda criação que tive na família do meu pai. Minha casa “por parte de pai”, seguia mais ou menos o mesmo roteiro: lá vivia a minha avó Suely, meu avô Alexandre, meu tio Kandy, minha tia Duda e meu pai. Naquela casa foram muitas as madrugadas que eu acordava para ver desenho com meu avô, que me dava um copinho de água e uma colher de sobremesa, e eu fingia que era um sorvete. Foram muitos queijos quentes de manhã cedo, muitas hidratações no cabelo com a tia Duda, quando comprávamos creme de cabelo em pote grande, chamando de “creme grandão”. Foram muitas noites comendo biscoito recheado com o meu tio Kandy, esperando meu pai voltar do campo depois de algum jogo ou horas trabalhando no banco. Eu sempre o surpreendia com um grande abraço de saudade. Foram muitas manhãs recebendo presentes do Papai Noel! Muitos desfiles com as roupas novas que minha avó Suely comprava para mim. É, eu não negava uma atenção. Inclusive, ali também foi um espaço que eu conseguia **cantar livremente**. Fossem composições aleatórias da minha imaginação fértil, ou músicas da rádio. Ganhei até um microfone e violão de presente, que me ajudavam a manter esse costume nas minhas duas casas. Não me considero cantora, mas talvez como minha mãe, cantriz; uma atriz que canta. No violão aprendi duas notas. E fui muito feliz com elas... ou melhor, sou. Gosto de **criar cantos** e melodias do jeito mais livre possível. Acredito fazer parte das minhas formas de expressão.



Figura 8: Álbum de família – Linhares.



Figura 9: Álbum de família - Papai e eu.



Figura 10: Álbum de Família - Tio Kandy e eu.

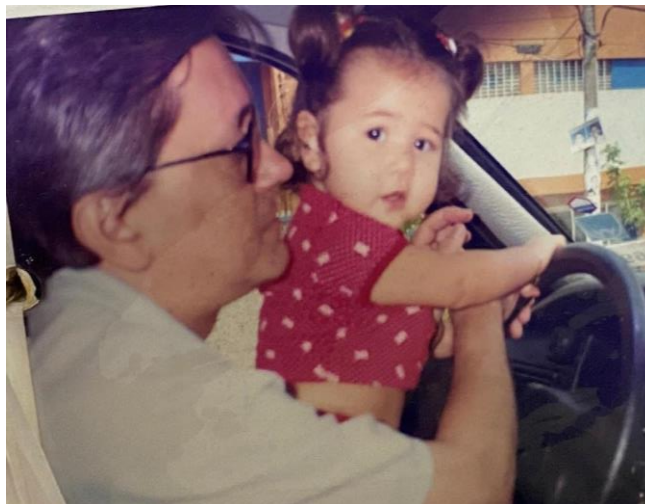


Figura 11: Álbum de Família - Vô Alexandre e eu.



Figura 12: Álbum de família - Linhares e eu.



Figura 13: Álbum de família - eu e bivó.

Aprofundando então, “(...) por meio da fronteira, a **dualidade** naturalmente se estende e se dissemina em cada um dos ramos: o **corpo** está na linguagem, a linguagem está nos **corpos**.” (SALES, 2006, p. 224), logo, meu corpo e minhas vivências sempre viveram, falaram em ações e palavras e cantaram de forma dupla. Do útero a divisão das duas famílias, duas criações, duas ideias sobre vida, **duplas** vontades de ser feliz em minha realidade. Duas realidades, talvez, pois sempre houve Alícia. Ao entender sua existência durante essa criação, entendo de onde venha minha curiosidade por essas várias versões que me foram contadas. Talvez, isso também tenha me levado a ter curiosidade sobre vários outros ramos da minha vida, e explorar isso assumidamente. Um exemplo disso é fazer o “**eterno retorno**” (KUNDERA, 1929) às versões que eu fui e perceber as importâncias que eu dava para situações que hoje me parecem tão pequenas. Ou ao contrário: olhar para mim hoje e perceber que antigamente determinadas coisas não me geravam certos “afetamentos”, sejam eles satisfatórios, preocupantes, jubilosos, ruins. O fato é que - retornar – independentemente da versão que eu estava ou estou, me faz perceber que tudo sempre volta para quem eu sou; entendendo que, de fato, as coisas

acontecem repetidamente como inquieta Kundera. E fator determinante para que volte para o mesmo lugar é simples ou desesperador: somos nós mesmos. No meu caso, nós duas.



Figuras 14 e 15: Eu, identidade.

Por falar em **retorno**, essas são fotos de sendo a mesma, pareço infinitamente diferente. Por si, falando a nível de personalidade. Mas... ao olhar-me corpos, pensamentos, sorrisos, olhares. Dessa forma

Acho que
edaditnedi para mim hoje
 é assim < **LEIA COMO**
UM ESPELHO

diferentes identidades que tirei. **Curioso**, como, mesmo muito tempo acreditei que identidade era uma coisa fixa de no espelho durante todos esses anos, percebi diferentes vejo minhas vias de identidade: um corpo móvel.

Acredito que sempre houve espelho na minha vida. Começando no útero, primeira casa, meu espelho era Alícia. Idênticas, uma a ser espelho da outra. Como narrado anteriormente, Alícia ficou com a gente somente até o sexto mês de gestação. O que minha mãe conta sobre o momento que descobriu a perda, é que durante a ultrassonografia, existia um silêncio incômodo. Vou tentar narrar ou ilustrar mais ou menos o que ouvi durante minha vida e pesquisa:

“Tá tudo bem, Doutor?” – *perguntou a minha mãe*

“Olha, pelo que eu estou vendo aqui... *(disse o médico virando a tela para meus pais)*

Só tem uma.”

Pausa.

Nesse momento, 25 de dezembro de 2022, às 21h09, na casa da minha mãe no Rio de Janeiro, no bairro de Laranjeiras, eu preciso novamente Respirar.

São 22h agora. Voltando.

Imagino como seria a minha vida com uma irmã gêmea. E sim, finalmente entendo: sinto culpa; meus ouvintes processuais estavam certos.

Culpa por algo que não tenho culpa,

Saudade de algo que não conheço...

mas na verdade... conheço, entendem?

Como eu posso NÃO conhecer àquilo que foi minha primeira visão, àquela que esteve comigo nas minhas primeiras ações, literalmente... e vou além: como posso não conhecer algo que está dentro de mim?

Tudo isso perpassa por um processo criativo em meu mapa, para conhecer meu duplo, ou me reconectar com ele. Quem sabe, inventar.

Creio, de forma hipotética, que as descobertas de si proporcionam o desbravamento, tanto das questões psíquicas quanto sociais que estão no contexto do ato de criação, ampliando de forma explosiva, insurgente, a visão do artista-pesquisador. Nesse papel, percebo a produção da pesquisa em arte como forma de vida-em-arte. O pesquisador é um ser imerso não somente em sua partitura corporal, e nem somente em sua trajetória, mas imerso em um **rizoma** que o levará a entender seus instintos e sentidos para a composição de seus fundamentos. Ou seus “não fundamentos”. Falar de fundamentos é falar de princípios de criação. Acredito ser isso a se refletir nesse memorial poético.

Para romper paradigmas, o objeto deve tornar-se vivo. Espelhando-se, contando seus indícios e pontapés, o artista-pesquisador deve enfrentar um espelho de afirmações e contradições. Como assim? A criação em processo, no corpo-escrita livre, é que(m) move as metamorfoses de um resultado em arte.

Contextualizado no/pelo teatro de pesquisa, minhas correntes de investigação para a realização desta obra em espetáculo, estão desenhadas em experimento cênico com os traços de uma poética íntima; uma **bioescrita**. Em uma escrita livre que se desenvolve no solo “*Cadê a outra?*”, mostro inquietudes de um corpo duplo, gordo, feminino, em várias versões. O “conceito de **bioescritas** cobre o amplo espectro das relações entre vida artística e obra, entre ficção e verdade, entre memória e imaginação” (CHIARA, 2017, p.2). A bioescrita na experimentação cênica a partir de vivências que reverberam em um corpo e reconstroem em novos olhares sobre a forma de fazer pesquisa, me conduz a realizar um jogo cênico feito em 11 partidas.

Na realização dessas partidas, me coloco como jogadora principal. A metamorfose, desde o útero; meu tempo-vida com Alícia, até minhas metamorfoses atuais sendo quem sou. Os jogos foram as grandes metáforas escolhidas por Lewis Carroll na construção de suas mais conhecidas obras: *Alice no país das maravilhas* (o jogo de cartas) e *Através do espelho e o que Alice encontrou lá* (o Jogo de xadrez).

Transformo, o jogo de cartas, em minhas memórias espelhadas, minhas fotos, minhas trilhas e meus cantos.

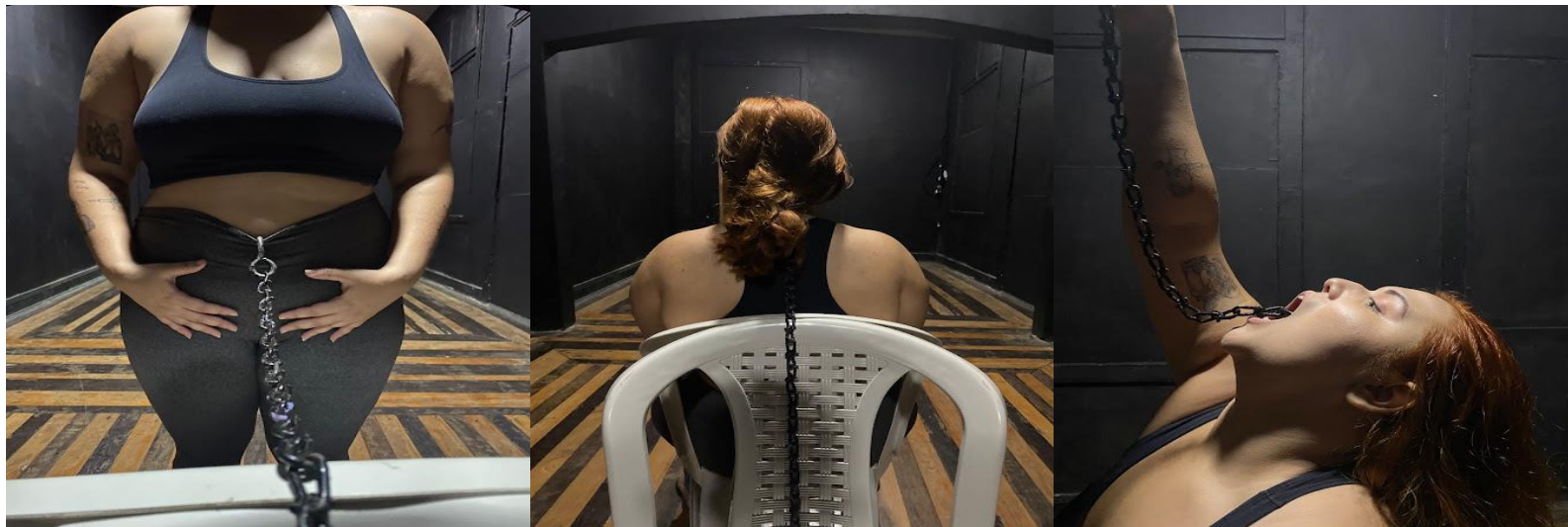
Faço do xadrez, minha amarelinha, meus diálogos com Alícia, nossos duelos e possíveis conclusões de quem somos. E tudo isso com a minha identidade móvel. Conversando com meus pensadores, porém falando e sendo minha história.

O estudo do duplo como categoria chave - em sua dimensão teórico-reflexiva, necessária a qualquer pesquisa prática - disparadora de relações entre diferentes campos do conhecimento humano; conexão que faz necessária ao campo das artes. A questão do duplo aparece com frequência no campo da filosofia, da psicanálise, necessariamente, intercambiadas pelas linguagens artísticas. Porém intuo que o estudo do duplo não será direcionado para a resolução de questões, mas sim, para colocar em jogo corpos movediços em experimentações. Na perspectiva do duplo e de tantas outras categorias ou noções hibridadas nas fronteiras da arte que, nessa pesquisa, são convocadas, posso me antecipar me ancorando na premissa de que mapas de criação, são próprios da pesquisa em arte. Então posso me arriscar vislumbrando essa metodologia como pesquisa cartográfica, pois singular, intransferível, porém passível de ser comunicada em forma poética.

Em “Lógica do Sentido” (1974), Deleuze defende a Rainha de Copas de Alice como o elemento falocêntrico da obra, a qual dita as regras, chefia o reino e as vidas, e quer a cabeça de Alice, reverberando não só características físicas do meu corpo em descoberta de um duplo, mas

também, trajetórias por mim já feitas “(...) entre a brincadeira e a obra de arte, o brincar da criança e ao criar do artista (...)”. Deleuze e Guattari darão o conceito de “devir-criança” para esta afirmação da potência criadora na subjetividade (ROLNIK, 2000, p. 5). Portanto, desejo mais um devir alícia-amanda do que a construção de uma personagem. Alícia, em meu corpo, não perde a cabeça - e nem eu – ela se faz **mais FALA e menos FALO**.

Concluindo essa introdução, acredito que o trajeto ou questionamentos desse memorial, se mostre entre “**CADÊ A OUTRA?**” e “**Só tem uma**”, sem saber de fato qual seria o início, meio e no que se resulta; porém sem fim, a continuar a levantar questionamentos no meio artístico-acadêmico. Essa primeira frase, minha mãe conta que foi o seu grito por Alícia na hora do parto. Mesmo sabendo que a outra filha estava morta, ela ainda tinha esperanças de ver o corpo. Mas esse corpo já estava dentro de mim e não possível de ser visto. Agora, de fato, “só tinha uma” e em uma, duas.



Figuras 14 a 18: Eu em processo criativo.

Essas são algumas imagens do início do meu processo criativo para esse espetáculo. Ainda indo para sala de ensaio tentando entender para que caminhos iriam essa pesquisa, trazia sempre a cadeira com um lugar de pertencimento, por ser um objeto de grande representação para mim. Ao longo da pesquisa percebo outros objetos e fenômenos talvez mais importantes para estrear essa obra. Afinal, fala do meu duplo, de dois corações, sentimentos, de duas pessoas. Meu tempo em vida com Alícia é tudo àquilo que posso inventar de nós duas, recriar situações para dar fala a ela, escuta e minha própria atenção sobre mim mesma.

Por fim, desejo uma boa trajetória durante esse texto e o espetáculo. E sim, acredito que uma pesquisa que fale sobre si, seja a forma de pesquisa mais necessária nesse momento para a vida acadêmica. Afinal, depois de tudo o que passamos durante esses anos e todas as nossas versões, falar sobre quem somos, sendo sobreviventes, é o mais precioso bem que temos. Falar sobre vida, invenções, criações, é o que está vivo dentro de nós e em mudança todos os dias.

Foi dada a largada para este jogo: onze partidas de autoconhecimento e um mergulho nessa trajetória através do espelho.

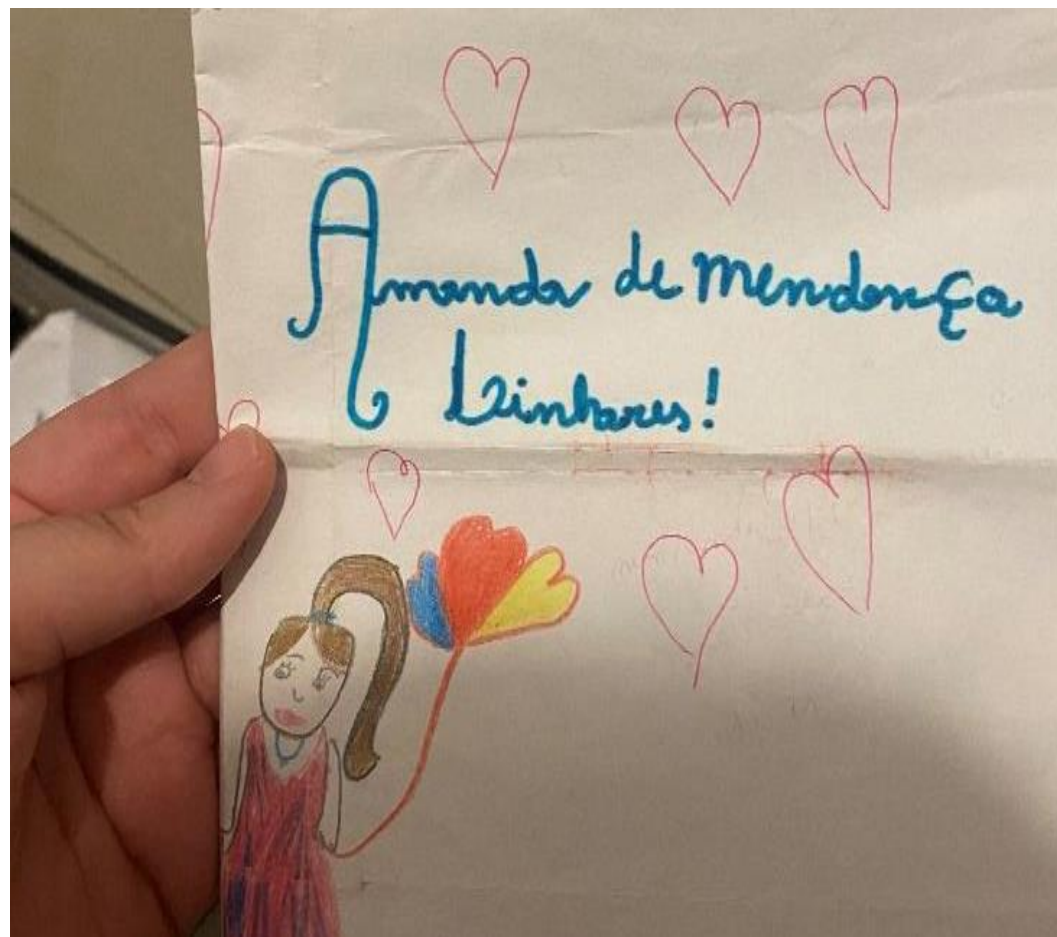


Figura 19: Álbum de família – autorretrato.

2. CAPÍTULO I: A SAGA CRIATIVA SE INICIA

Posso começar essa saga falando de jogo mais uma vez. O jogo se chama **MANÉ MONSTRO** e tem por sua vez dois participantes: papai e eu. Acompanhe abaixo os jogadores e as regras do jogo.



Figura 20: Álbum de Família – Eu e papai.

2.1. ATENÇÃO: TÓPICO BÔNUS PRÉ-CAPÍTULO

São Paulo, segunda-feira, 10 de julho, 22h32, bairro da Liberdade:

Pausa para respirar. Estou completamente ansiosa com a minha escrita. A data do espetáculo se aproxima, mas o que mais me aterroriza é a data da entrega para minha orientadora e para a banca. Sinto que estou dando 2% de mim. E não, não estou atrasada. Muito pelo contrário, melhor do que o final e início do ano enquanto eu escrevia este mesmo texto para qualificar minhas partidas em noites em claro, desregulando muitas coisas em aspectos emocionais e sociais; o que me trouxe uma situação de *burnout* um mês depois, me faz perceber que nessa última fase eu estou com tempo não de sobra, mas suficiente. Mas a sensação que fica depois de você passar por um estresse extremo por pressões específicas, e nesse meu caso, a escrita acadêmica, é aterrorizante em todos os níveis.

Estou passando uma semana esperta em relação a criação. Tudo me inspira, ideias surgem, a animação de chegar em Belém e não só trabalhar com minha equipe do “Cadê a outra?”, mas poder ver finalmente minha família, meus amigos, a natureza, pontos turísticos que sinto falta tal como lugares de afetamento, tudo isso me deixa extremamente feliz e criativa. Não tenho gostado muito de situações confortáveis, mas após um ano de “início de vida”, eu mereço um colo do meu berço. Os meus merecem minhas risadas, minhas madrugadas. Minha “Amanda, Lado B(oêmia)” merece minha atenção nos lugares mais *insalubres* e gostosos daquela cidade. Merece fumar um baseado jogando baralho com meu povo de teatro, merece um karaokê para encerrar cedo o domingo e depois ver o sol nascer no meio da semana. Merece uma cerveja na calçada ouvindo carimbó, merece um bronze em Cotijuba. Confesso que isso me deixa com vontade de viver. Para além do meu título, ir a Belém está me deixando com vontade de estar viva.

É gostoso demais e confortante, saber que os artistas que estão envolvidos comigo durante essa poética como equipe técnica, são meus grandes amigos. Estiveram comigo me acompanhando nesse processo, mesmo que estivéssemos em lugares diferentes de trabalho e de objetivos artísticos, nunca me faltou o apoio deles. Privilégio meu, poder chamar artistas tão competentes e dedicados de meus amigos. Anseio por estar em sala de ensaio com eles novamente, dessa vez para fins definitivos para este título; e poder ouvir e sentir o acolhimento, olhar e divergências

construtivas. Anseio pelo dia 6 de agosto de 2023, onde estaremos unidos fazendo esta defesa poética acontecer. Minha eterna gratidão à essas pessoas.

Que saudade do churrasco do meu pai na piscina do prédio, da minha madrastra perguntando se eu quero uma carona pra algum lugar e das minhas irmãs entrando no meu quarto para me confidenciar coisas. Que saudade da manijoba da minha avó Lúcia e do café com tapiquinha na vila lima casa 1, no Guamá. Saudades do almoço de família na casa da minha avó Suely e do meu avô Alexandre todos os domingos, que eu com certeza hoje em dia dou muito mais valor. Saudade! Belém é nostálgica de muitas maneiras. E me anima de coração saber que estarei lá para fechar esse ciclo e alimentar àquilo que pra mim é eterno: meus berços.

Essa vontade de estar lá é o que tem me segurado, me dado forças e perceber que meus 2% de pensamentos e ideias estão sendo muito. Sei lá... o medo de um novo estresse com a escrita começa já no ato de pegar o computador, de abrir o texto, de estar conseqüentemente confinada em casa para este fim. São Paulo é extremamente cinza e eu não tenho janela na sala, acabo recorrendo aos sons intermináveis para fugir.

Mas que maravilha. Eu tô aqui, escrevendo, no *drive* do meu celular, porque hoje é o que eu posso dar. Nessa coisa desarrumada que se tornou a academia, mas de extrema vulnerabilidade e confiança para falar de si. Acredito também, no trabalho da espiritualidade e vibrações altas para me manter em constância. Acredito ser isso um fator importante para trabalhar onde está desarrumado.

Então... estou indo no caminho certo.

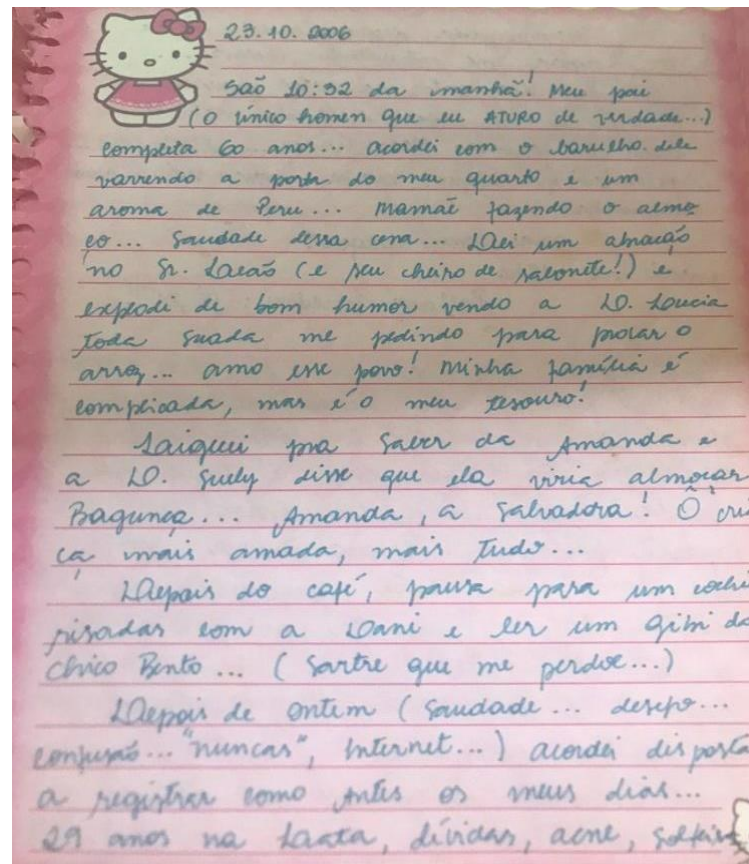


Figura 21: Álbum de família – Diário da Mamãe.

2.2. VOLTA - vamos falar de Mané Monstro?



Figura 22: Mané Monstro.

São 00h09. Respirei com os dedos no corpo deste texto e agora consegui finalmente voltar para o jogo.

E para começar falando sobre isso, é indiscutível que papai e eu sempre fomos muito parceiros. Eu realmente não tenho o que reclamar da companhia dele na minha infância. Mesmo separado da minha mãe, meu contato com as duas famílias sempre foi muito presente. O amor dele era extremamente avassalador. Do ato de me levar no cinema, nas atrações culturais que surgiam, pra lancha no Milleo, até sentar-se na mesa para estudar história comigo e me ajudar a tirar dois dez seguidos! Nunca me esqueço. Ele sempre foi um cavalheiro. Tivemos e temos nossos altos e baixos, mas acho que justamente nossas diferenças enquanto adultos nos completam.

Eu, coração.

Ele, razão.

Hoje em dia os dois são um pouco diferentes, isto é: aprendemos um com o outro sobre razão e coração.

Se você estiver lendo isso, queria dizer que eu te amo, pai. Muito.

Eu e ele tínhamos uma brincadeira recorrente chamada “Mané Monstro”, a qual vislumbrei as regras neste manual de instruções. Toda vez que chegávamos de algum lugar, eu dizia para ele:

“vai na frente, pai, tá tudo escuro. tô com medo de monstro”

e ele ria de mim, mas me acalmava:

“mané monstro, menina!”

E claro, abria a porta e acendia a luz pra eu me sentir segura. Sei que eu cresci achando que a palavra “monstro” acompanhava “mané” antes e fui perdendo o medo. Ludicamente, criamos esse jogo. Tínhamos um computador que sempre estava um dos dois. Geralmente domingo à noite eu pedia para brincar com ele, enquanto ele terminava prazos, ou como eu dizia:

“Pai, você só fica escrevendo, “meu senhor, tenha paciência”, bora embora logo”. E ele ria muito.

Em casa não era diferente. Filha única, eu queria toda atenção para mim. Eu pedia para ele brincar comigo de “mané monstro”, isso é, fingir que ele era um monstro pra eu poder derrotá-lo. Prontamente, ele saía do computador, eu o prendia na sacada e ele fingia que estava dormindo. Eu ia lá, o acordava e ele começava fazer barulho e “cara de monstro”, até que eu o derrotasse e ele caísse no chão de novo.

Meu medo foi desmanchando com tanta facilidade e amor, que eu pedia para ser o monstro. E o outro, no caso, seria o “mané”. Meu pai... sempre foi um grande amigo.

Voltando um pouco no início do texto, um pouco da minha energia espiritualista de hoje em dia começou nele e ele nem sabe. Ele vivia me dizendo, quando sumia algo em casa:

“tô achando que tem algum espírito brincalhão aqui”

ou seja, alguém que pudesse estar ali tirando as coisas de um lugar e botando em outro.

E quando eu questionava, ele dizia que nem todos os espíritos eram ruins. Alguns querem nosso bem, por isso ficam próximos. Um exemplo ambíguo disso era quando, de repente, sem motivo prévio, ele lembrava de Alícia e me dizia:

“será que a tua irmã gêmea que tu engoliste acompanha tudo o que tu estás fazendo? tipo um encosto?”

e fazia uma cara de curioso, arregalando os olhos.

“credo, pai! será?” eu respondia rindo.

E assim nossa amizade seguia entre jogos, convivências e identificações. Da mesma forma que tudo era muito bonito, ele também era e é muito pé firme no jeito de me amar, principalmente quando fui amadurecendo. Conversas difíceis sobre profissão, dinheiro e irresponsabilidades minhas que talvez eu não enxergue tanto até hoje, mas que serviram e servem de alerta para que eu entenda determinadas coisas com mais frieza.

Meu pai, também pai de 3 outras meninas, as quais são também fenômenos de inspiração para essa escrita, consegue também demonstrar esse companheirismo com elas. Acredito que todo ser humano passa por mudanças ao longo da sua vida, sejam elas definitivas ou não. Meu pai teve uma criação mais fria assim como minha mãe. Mas inegavelmente, fez das nossas infâncias, minhas e das minhas irmãs, inesquecíveis. Vejo

ele como companheiro delas também. Comprando as ideias, as diferentes personalidades, fazendo também novos jogos os quais elas sugerem. Hoje nossa relação apesar de diferente, ainda é mantida por todo o carinho que temos de base.

Na época em que eu estava me candidatando para entrar no mestrado, ele me deu todo suporte necessário. Ajudou com os estudos, com incentivos, mesmo quando eu morria de medo e desespero, ele me acolhia e me ajudava a não desistir. Talvez tenha se preocupado até mais comigo do que com ele mesmo naquela época.

Nesse processo, digo, nos mesmos meses do processo seletivo, meu pai e minha madrasta tiveram covid. Os dois vieram para São Paulo em busca de tratamento, pela falta de leito em Belém e por ajuda médica familiar que tínhamos aqui. Minhas irmãs também foram. Minha madrasta se recuperou logo, mas meu pai ficou um pouco mais de um mês internado. Foi um período assustador e gradativamente de sofrimento. Primeiro era uma noite, depois uma semana, depois a UTI, depois preparação para intubação. Minhas irmãs reagiam cada uma de uma forma, até que eu consegui vir para São Paulo e ficar mais próxima delas e da minha madrasta. Nos reuníamos para conversar, fazer orações e chamadas de vídeo com meu pai. Nas chamadas de vídeo mesmo com máscara de oxigênio, ele me perguntava se eu estava estudando e eu chorando dizia que iria passar por ele. Quando meu pai venceu o coronavírus, de fato nossa convivência familiar virou mais respeitosa e empática.

Foi de uma felicidade imensurável quando passei no mestrado. Da mesma forma que foram de longas conversas, apoios e preocupações quando eu decidi me mudar para São Paulo no meio do processo. Ele me dizia:

“para mim, ainda não é a hora. mas se você decidiu isso, minha filha, até quando eu puder te ajudar, conte comigo”

E isso de fato me sustentou e sustenta até hoje. Em nosso companheirismo ressignificado, ainda vejo meu pai como meu grande amigo. Assim como das minhas irmãs, as quais junto com Letícia, filha da minha mãe, entram em protagonismo agora nessa poética.

2.3. Alices: desdobrando meus laços femininos



Figura 23: Irmãs-Alices.

Estas, na escadinha acima, são:

Ana Laura – 14 anos, cabelos longos e ondulados, aquariana, extremamente justa, leal e apaixonada por ser adolescente;

Letícia – 13 anos, cabelos curto e liso, pisciana, um dos corações mais dispostos que eu conheço, artista;

Fernanda – 13 anos, cabelos longos e cacheados, leonina, interessada em “ficar bem”. Fernanda luta por si e pelos seus com gentileza;

Rafaela – 10 anos, cabelo médio e liso, sagitariana como eu, sempre tem resposta para tudo. A Rafa é honesta e uma ótima companhia para tudo.

Minhas irmãs são pequenas partes de mim. Partes que abandonei, que sonho em ser, que luto para não ser... partes, também, de coisas desconhecidas sobre mim; em um vácuo que acredito ser preenchido por curiosidade.

Quando criança eu tinha uma brincadeira recorrente: cantar e dançar por horas na frente do espelho. Ao pensar em espelho conversando com meus pensadores, no contexto Alícia, concordo que espelhar-se para ver a outra e enxergar minhas fotografias do álbum de família, também me leva ao estranhamento. De um desconhecido, ou talvez por *eterno retorno* às fases que não reconhecia como motes disparadores. Eu imaginava uma história e contava com o olhar, cantos, gargalhadas, falas, com a linguagem que está no corpo, como entende-se por Deleuze.

O espelho, meu “ponto de desencontro móvel (...) é um lugar sem ocupante” (SALES, 2006, p.234). De frente a ele, me sentia acompanhada, como se atrás do espelho houvesse sempre alguém. Mesmo que o debate Alícia ainda fosse muito sutil para mim, ou seja, “casa vazia (...) se uma face nada tem a ver com a outra, mas sempre ali pelo meio (...)”, espelhar-me em olhar ou recordações fotográficas, me faz adentrar “(...) um notável portal em discordância comunicante, marcha da criação e da novidade.” (p. 238). Ao pensar em:

devir

verbo

1. 1.

intransitivo

vir a ser; tornar-se, transformar-se, devenir.

2. 2.

substantivo masculino

FILOSOFIA

fluxo permanente, movimento ininterrupto, atuante como uma lei geral do universo, que dissolve, **cria e transforma todas as realidades existentes**; devenir, vir a ser.

Penso que o *devir-alícia* em meu universo, é o que me leva às minhas metamorfoses, mudanças.

Ter conversas comigo mesma, sempre me pareceu agradável, fazendo todo sentido. Eu escolhia (escolho) minhas feições, minhas entonações de réplica, assuntos abordados e o tudo mais que possa valer a pena insistir comigo mesma. Por vezes, tenho a sensação de ter um duplo, como se eu fosse duas a realizar ações extravagantes.



Figura 24: Eu, criança.

Minha infância sendo filha única durou até meus 9 anos, quase 10. Em janeiro de 2009, minha irmã Ana Laura veio ao mundo. Eu era a criança mais feliz naquele momento com minha nova companheira. Lembro que eu ia até o berço observá-la dormindo. Para mim era uma sensação mágica, nova, uma ação extravagante também; mas dessa vez em companhia. Era uma realidade que eu sempre quis viver: ter uma irmã.

Apesar de sempre saber da história de Alícia na minha vida, eu dificilmente parava para pensar em como seria nossa vida juntas. Acho que se tornou tão “imaginário” o pacto ficcional de que ela não tinha vindo, que eu jamais pensei sobre ser uma “realidade possível” e não inexistente (LOUREIRO, 2017). Não me causava dor, não me causava medo. Não me causa ansiedade, saudade, nenhuma sensação a não ser indiferença ao menos no pensamento. Em contrapartida, o ato de brincar sozinha, falar sozinha, passar tempos sozinha com os horários da minha família, não era como solidão. Eram a descoberta da minha solitude. De fato, eu me sentia acompanhada, não de alguém, mas de mim mesma. E isso me bastava, tal como me basta até os dias de hoje. Mas hoje sei que, mesmo em invenções, por de fato Alícia estar dentro de mim e isso simplesmente aparecer em quem eu sou.

“Ora, como posso ser magra se sou duas? Como posso ter um vácuo entre os seios, se não é este o lugar que dou abrigo a minha irmã?”

Entre outras máximas que inventei durante esse processo de pós-graduação para entender o que foi engolir alguém. Ou além, entender o que não somente ter alguém, mas ter minha irmã gêmea dentro de mim. É poético, mas também é literal... ou quase isso.

O fato é que quando Ana Laura nasceu, eu comecei a prestar mais atenção em como era a companhia de uma irmã em vida. Digo em vida, porque eu já tinha uma irmã, certo? Então ver àquela criança nascendo, crescendo, andando e falando, se tornou um dos sonhos realizados de maior orgulho meu. Um sonho que eu sabia que eu tinha, mas não entendia a profundidade.



Figura 25: Eu e Ana Laura.

No próximo ano, vieram Letícia e Fernanda. Letícia filha da minha mãe e incrivelmente parecida comigo esteticamente quando eu era criança. Fernanda, mais uma filha da minha madrasta, com um coração sensível também similar ao meu. Mais tarde, em 2012, nasceu a Rafa, também filha da minha madrasta. Rafaela nasceu no dia da minha festa de 15 anos, faltando 3 dias para o dia oficial do meu aniversário. Rafa foi um novo presentinho não só para mim, mas também para Ana Laura e Fernanda que já a viam como “irmãzinha”.



Figura 26: Eu, mamãe e Letícia.

Posso dizer que minhas irmãs se tornaram minhas companheiras. Não existia distinção de idade para a cumplicidade que desenvolvemos. Cada uma comigo ou em coletivo, elas foram minhas *Alices* e fizeram da minha vida um *país de maravilhas*. Cada momento com elas é especial, único e com toda certeza, sem solidão. Sou feliz de elas terem umas às outras e de tudo o que a vida proporcionou para a Letícia viver com minha mãe e meu padrasto.

Muito mais do que entender sobre “aquela que não veio”, ter minhas irmãs comigo é a certeza de que também fisicamente, não estou só. Não houve, em vida física, Alicia. Mas houve não só uma, mas quatro *Alices através do espelho: em possibilidades, em vidas, em realidades possíveis*.

2.4. As maravilhas através do espelho

Ao usar das referências cinematográficas dessa pesquisa para além de literárias em que converso com Lewis Carroll, tenho comigo a animação de “Alice no país das maravilhas” de 1951 e “Alice através do espelho” em *live action* de 2016. A história desde criança sempre me

chamou muita atenção, principalmente por sua visualidade. Não conhecia ainda a versão “Através do espelho”, fui conhecer somente no ano de lançamento.

A história de Alice na animação me deixa intrigada em como pode-se fazer de forma tão profunda uma viagem através da leitura. Nesse caso, literalmente. Eu ficava intrigada sobre o que levava Alice a perseguir aquele coelho em meio à sua leitura, enquanto falava...

de sua irmã.

O que levou Alice a perseguir aquele bicho ao ponto de mergulhar na curiosidade para entrar em lugares mágicos? Será que queria ela fugir da realidade? Se sim, o que tornava a realidade tão maçante?

Antes de entrar nas identificações pessoais sobre “comer para caber”, o fato mais recente sobre essa história ao me prender é o fato de Alice ter fugido estando com sua irmã. Meu Deus! Parece que cada vez mais de forma inventiva essas casas de amarelinha se encaixam. Digo, se somos duas, Alicia e eu, e eu sou aquela que veio...

faz todo sentido Alicia ir embora, sim?

Não estar na literalidade desse mundo de tantos iguais, ou até mesmo dentro da filosofia religiosa de matriz afro-brasileira, quando olho para Cosme e Damião e lembro de Doum, padroeiro das crianças que morrem no ventre ou na infância, entendo junto a isso que “todo gêmeo que vem ao mundo, tira o espaço de outra pessoa” (CIGANO, 2013), o que me faz retornar à reflexão de realidades possíveis. Como seria a vida se Alícia também tivesse vindo? Talvez, em algum plano da espiritualidade ou da imaginação como confabulo essa escrita, Alicia foi o nosso (meu e das minhas irmãs) Doum. Ela foi “aquela que não veio”.

Seria esse o motivo da vinda de minhas irmãs?

Venho de uma família católica e já fui católica durante muitos anos. Mas hoje, sendo espiritualista e pesquisando os conceitos em dualidade, tal como o espelho como casa vazia citado já neste memorial, tenho grande apreço pelas filosofias das religiões que me ajudam a ancorar sentidos poéticos-reflexivos para construir meus questionamentos, e em certo ponto, de forma muito tangencial e talvez passageira, respondê-los. Estudar

a realidade dupla de Cosme e Damião, perpassando pela missão de Doum, me conduziu em muitas formas nesse processo criativo, até conseguir retornar para falar de nós duas e entender o espaço de um gêmeo nesse mundo. Digo, ESCOLHER entender dessa forma.

Seria esse, grande contribuinte, para realidade de duas famílias, então? Minha mãe disse outro dia: “tenho para mim que Alícia deu lugar para a Letícia”. Além disso, Alícia pode ter dado lugar não somente para a Letícia, mas para Ana Laura, Fernanda e Rafaela. E, para os meus padrastos Fabrícia e Mateus. São infinitas possibilidades de vida a partir de uma. E mesmo que ela tivesse nascido e toda estrutura atual se seguisse, me pergunto também como seria nossa relação.

Mesma carreira? Mesmo lar? Corpos parecidos?

Nessas maravilhas de “E se(s)” através do espelho, vislumbro essa obra não somente inventando memória ou desabrochando o que sinto fisicamente. Mas recriando possibilidades de existência tal como um jogo.

Voltando aos elementos visuais que prendem na animação, o fato de começar essa investigação tendo um mote disparador no verbo **COMER**, me permite também enxergar-me como Alice. Longe de ser “maravilhas”, mas o ato de engolir quase que como um remédio os elementos no filme para entrar nos lugares, me faz pensar em quantas vezes na minha vida já tentei me encaixar. E tento ainda! Como mulher, gorda, atriz, professora, acadêmica... como amiga, irmã, filha. Você sempre tem que comer de algum elemento para encaixar em seus nichos sociais.

Me perceber como duas, me ajuda a enxergar esses nichos “através do espelho”, como sugere o outro filme. Na segunda trama cinematográfica, Alícia encontra sua mãe, luta diretamente com a rainha de copas, se faz dona e líder de suas próprias peças no jogo. Essa provavelmente talvez seja a luta de minha irmã: comendo para se encaixar, jogando para ganhar, encontrando quem precisa encontrar.

Não me assusta como seria a realidade olhando por esta ótica. Imaginem... eu me olhando no espelho e pensando o que teria do outro lado. Talvez eu nem possa atravessar porque o outro lado não me pertence, mas sim a Alícia. Tal como “a vida em vida” que eu desfruto, assim como minhas irmãs.

Esses vislumbres me ajudaram a chegar até aqui questionando, mudando, inventando. E ainda não está terminado, talvez essa pesquisa seja somente o início de uma trilha de autoconhecimento sobre este tópico em minha vida. Mas com toda certeza, perceber as muitas questões que atravessam essa realidade e estão imersas no questionamento de “Cadê a outra?”, me ensinam a como moldar esse jogo. Pelo menos por hora.

3. CAPÍTULO II: O CORPO DUPLO

Perpassei por alguns jogos até escolher “duplo” para acompanhar a palavra “corpo” nesta poética. Brinquei com “invertido”, “espelhado”, “através do espelho” e até mesmo coisas mais óbvias como intitular meu experimento cênico de “experimentações cênicas”. Todo esse processo de construção e reconexão com a investigação, me ajudou a entender que “duplo” seria o equilíbrio mais coerente neste percurso. Cheguei ao consentimento que brincar com duplo é o encontro de dois que se dissolve, assumindo que “os dualismos serão “esticados” ao ponto mesmo de sua dissolução, firmada segundo o lugar especial capaz de originá-los” (SALES, 2006, p. 223) que não seria mais o útero, mas sim meu corpo: um, onde cabem duas.

Me entender como “corpo duplo” é dar vida à Alícia, entendendo-a dentro de mim. Se eu assumo que a engoli, é porque de alguma forma, ela veio à vida. Curioso que durante muitas partes dessa escrita eu cito coisas como “se ela tivesse vindo”, “se ela estivesse em vida”; porque de fato são dúvidas pertinentes no meu pensamento mais honesto. Até por isso, não apago, mantenho o questionamento. Ora, no rizoma não pretendo resolver a pesquisa, somente mostrá-la entre meus laços. Afinal de contas, nesse mapa em movimento, em que falo de alguém, ou melhor, de duas pessoas, o conceito de vida pode ser facilmente inventado tal como muitas das coisas que aqui escrevo. Então, sim, se eu engoli minha irmã, provavelmente ela ainda vive em mim, mesmo que na poética.

Logo, Alícia **ESTÁ** em vida. Se eu estou... ela está.

É bem verdade que penso como seria a vida através do espelho, digo, a vida dela “independente” do meu corpo-mente. Mas é somente porque gosto de brincar com essas hipóteses. Existe sim o dilema de sentir culpa ou não desde o início deste memorial. A maioria das vezes eu penso que não... mas acredito que fazes as pazes com essa culpa seja mantê-la viva em criação. E quando falo fazer as pazes, é comigo mesma.



Figura 27: Álbum de família - eu tomando banho no Guamá, duplo.

A novidade no **álbum de família** já citado, é perceber que a minha mãe sempre botava as minhas fotos em duas. Todas as minhas fotos são *duplos*. Não necessariamente iguais, mas na mesma ocasião, lugar, momento: foram sempre duas fotos. Claro que pode ser uma magnífica coincidência entre esses modelos antigos que álbum de foto, que nós, crianças nascidas no final dos anos 90 ainda tivemos o privilégio de ter. Inclusive, descobri essas fotos no início do ano no Rio, fazendo pesquisa de campo com a Letícia minha irmã. Enquanto explorávamos, mamãe dizia: “coitada da tua irmã, não tem uma foto revelada!”.

Afinal, como? Nascida em 2010, no auge das redes sociais. Os álbuns agora eram digitais, as memórias compartilhadas instantaneamente.



Figura 28: Eu e Lelê.

Ao me aprofundar nos subtópicos deste capítulo, eis o novo jogo:

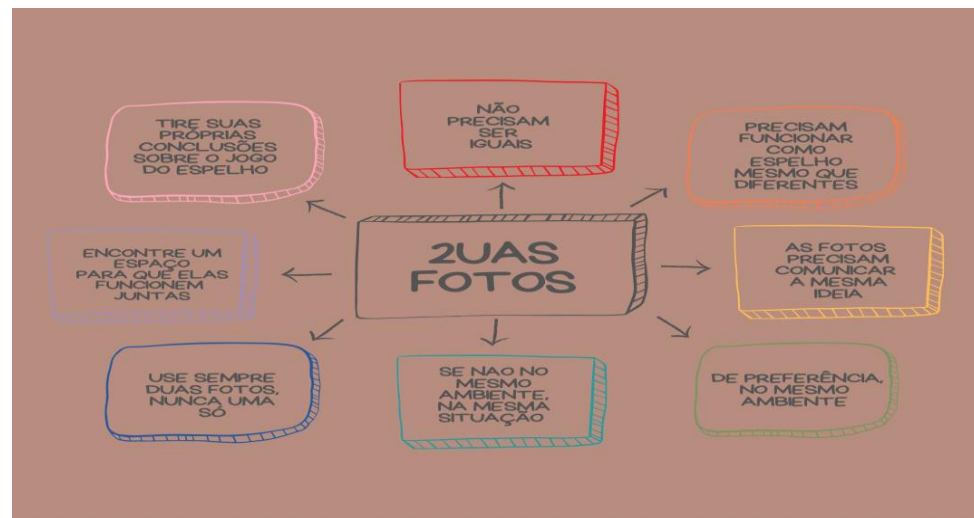


Figura 29: 2uas fotos.

Tentarei seguir essas regras nesse capítulo de escrita, mergulhando em mais uma característica por imagens que me atravessam nessa escrita: nossas fotos. Quer dizer! Minhas fotos. Realmente escrevi isso sem querer.

Mas pensando bem, posso chamar de nossas também. É confuso para mim! Por isso transformei em poética.

E por falar em poética, pensando em *corpo duplo*, reforço que essa escrita desde sua concepção em pré-projeto até sua performance, é baseada em vivências nossas. Nossa vida em útero, nosso *fetus in fetu*, nossa infância, nossa família, nossos GOSTOS e NOSSAS práticas. Tal como pesquisamos um dia sobre o cuidado de si, reafirmamos mais uma vez: arte é criação, mas acima de tudo é autoconhecimento. Se me conheço, estou em cuidado. Em cuidado de si, cuido também do outro e assim crio para a sociedade (FOCAULT, 1982).



Figura 30: Eu e alexandre, eu e Otelo.

Antes de dar prosseguimento, observo mais uma vez uma criação da minha mãe. Acima, duas fotos feitas por ela, assim como a montagem. Minha mãe sempre gostou dos duplos. Verbalmente, não sabe exatamente o porquê. Mas ela também embarca com a gente nessa história e reiventa seus significados.

Sigamos.

Seremos breves.

3.1. *Univitelinas*



Figura 31: Álbum de família – dormindo na mamãe.

Outro fato muito provavelmente já citado sobre nós duas, é que éramos gêmeas idênticas.

Significado de Univitelino

Adjetivo: Diz-se do gêmeo idêntico; relacionado com a gestação cujos fetos se formam num único óvulo e se desenvolvem numa única placenta. Que se originou de um único zigoto (célula resultante da junção de um gameta masculino e outro feminino).

Não lembro tanto assim dos termos de biologia, mas aí está. Fomos – criadas – no mesmo lugar, num único óvulo. Com todas as chances de sermos ou não diferentes em personalidades e escolhas de vida, seríamos inicialmente iguais fisicamente. Digo inicialmente por que até mesmo gêmeos idênticos podem ficar diferentes se assim decidirem. Até mesmo nosso DNA é mutável, imagina nossa aparência.

Meu pai ficou muito feliz quando soube que minha mãe estava grávida. Mesmo novinhos, ele sempre quis ser pai. Com todo medo existente, ele sempre se mostrou muito empolgado com a ideia que não necessariamente era “construir uma família”, mas criar nós duas com muito amor. Ele, junto à minha tia Dani, foi com toda certeza a pessoa que mais segurou nas mãos de nossa mãe para nos receber nessa terra.

Se a felicidade já era grande ao saber da gravidez, imaginem ao saber sobre gêmeas?

Agora, imaginem ao saber sobre gêmeas idênticas?!

É de explodir a mente.

Minha mãe conta que as ultrassonografias eram feitas em um grande espaço de tempo, afinal a tecnologia não era muito avançada, então eles não gostavam muito de nos expor a radiografias. Ao descobrirem que eram duas, tudo tornou-se duplo. O enxoval, os acessórios, os espaços das casas. Coisas que hoje eu, Amanda, não tenho mais acesso, mas sei que existiu. Junto a isso, meus pais dizem que a maior vontade deles era “nos ver iguais, porém diferentes”, ou seja, saber diferenciar de forma evidente “quem era quem”, pois nossos jeitos não precisariam ser iguais como nossa aparência.



Figura 32: Álbum de família – eu, duplo.

Observar essas fotos duplas que a minha mãe montava, me é interessante por pensar que em algumas possibilidades, o conceito de univitelinas em aparência e diferentes em jeitos para os pais, poderia facilmente funcionar. Em muitas dessas fotos, mesmo em um único ambiente ou em uma mesma ideia como proponho no jogo deste capítulo, eu apareço com diferentes feições. Seriam personalides? Talvez. Mas desde sempre, já a realização das ações extravagantes e conversas comigo mesma como já havia citado. Inconscientemente, meu duplo sempre existiu. Mesmo que eu fosse minha própria dupla univitelina antes de pensar Alícia.



Figura 33: Álbum de família – eu, duplo, de novo.

Chegando até aqui, posso perceber que nossa trajetória acontece verdadeiramente em espelho. Muito mais do que pensar como seríamos, eu vou finalizando esse ciclo de pesquisa grata por sermos. Univetelinas, uma na outra, dupla, invertidas, ou qualquer outro conceito é pequeno para mensurar o quão precioso foi resgatar e deixar viva a preciosidade que somos.

Eu sempre soube que “Amanda” era um nome escolhido pelo meu avô Alexandre. Por eu ser a primeira neta, ele queria esse nome pelo significado: digna de ser amada. De fato, meus avós tanto paternos quanto maternos cumprem isso muito bem.

Alícia, torna-se mais ainda um presente quando entendo o significado. O primeiro cd que minha mãe deu de presente para o meu pai, foi um da banda *Aerosmith*, em que eles gostavam muito de ouvir a música “*Crazy*”, como bons jovens. Eles eram fãs da atriz *Alice Silverstone* e minha mãe especificamente, achava ela linda. Assistindo o clipe da música, fantasiava que eu e minha irmã poderíamos ser como as atrizes, as quais encenavam uma dupla de melhores amigas, livres, cantando em um carro, fazendo seu destino. Minha mãe decidiu então, Alícia, para ser dupla de Amanda e vice-versa. Em pensamento, mais uma possibilidade de vida se instaurava.

Em dupla, estávamos então prontas para nascer aos onze dias do mês de dezembro, no ano de 1997. Uma dupla, idêntica, nascendo na manhã de um dia ímpar. Porém, assim como o dia ímpar e diferente do início dessa história que começa com “cadê a outra?” na esperança de ver duas, essa vida começou e se findou na outra extremidade desse fio:

“só tem uma”.

A partir daqui,

Autorizo a quebrar as regras das fotos dupla.

Quem vos escreve sou eu,

Amanda. A que veio.

3.2. Devoradora e Devorada

Em diálogo com o pensamento de Gilles Deleuze inspirada pela noção de “irmãozinho como isca do irmãozinho” (1997, p.31) nesse processo de criação estou a me pensar, assumidamente, como a que “engoliu a própria irmãzinha”. Deleuze, me orienta pensar o teatro como uma poética menor; uma micropolítica. Essas duas noções podem estar determinando este plano de composição da pesquisa como uma busca de

perceptos e afetos, não achados; mas sim produzidos, durante todo o processo de pesquisa. Dessa forma, vou maquinando um bloco de sensações na forma de um experimento cênico. Ou melhor, dos meus **cantos** cênicos.

Para entender as devorações, metáforas possíveis para meu trajeto criador, investiguei em prática cênica uma espécie de “estrutura pendular do fantasma” (DELEUZE, 1974, p. 247) que habita em mim e torna o meu corpo tênue. Trabalhei, em minhas sensações e descobertas, com a noção de dualidade proposta por Deleuze, a leitura de Alice em seu duplo universo, ou melhor, pluriverso, bem como, seus inversos: “tomar para diminuir, comer para aumentar”.

Tenho nesse processo, Lewis Carroll como poeta pensante, um ator fundamental na composição dos blocos de sensações por falar dos jogos de Alice no país das maravilhas e através do espelho, me auxilia em minhas onze partidas com Alícia, me inspira a criar meu próprio jogo em perspectivas de nossas duas vidas em uma. Nesse processo de construção prática de minha obra, estou comendo-conversando com minha irmã.

Comendo, retornando ao nosso primeiro lugar de conhecimento.

Conversando, para inventar ou encontrar esse corpo que existe em mim. Ou, até mesmo, perceber que essa **afirmativa** é falsa.

Tudo para **CUSPIR** um comer-falar que existe há tempos em mim. Pela metamorfose, enquanto pesquisadora, **engulo-me** nesse espelho. O que me faz entrar em eterno retorno, mas dessa vez com um questionamento: “o que escolher então? O peso ou a leveza?” (KUNDERA, 1929, p.11). Esse questionamento perdura durante meu processo físico-poético, pois me lembra àquilo que talvez eu sinta e não saiba como expressar: a culpa.

Sim. **CULPA**. Se não existisse culpa nessa obra, talvez eu não falasse em “me engolir”. Já que esse fenômeno aconteceu com Alícia **através** de mim, naquela época, em devoramento; atravessando meu corpo inconsciente, o ato de **me engolir**, não seria talvez uma **penitência** pelo meu ato? Talvez essa afirmação fosse a leveza. Sim, a leveza. Talvez fosse mais fácil de me assumir como “bebê devoradora” e até mesmo infantilizar nosso corpo duplo para que a obra fosse mais fácil e sem menos questionamentos. É isso. Essa leveza de assumir um processo e uma memória que não fizeram parte do meu consciente e somente foram jogadas no meu peito, talvez tornar-se-iam apenas um relato de caso; uma obra que não diz

nada sobre mim, um espetáculo que talvez eu não acreditasse. Nem em processo de sala de ensaio, nem em escrita de roteiro de ações e muito menos em cena.

Acredito então, que o **PESO** é minha escolha criativa para esse desdobramento. Não é fácil criar e me deparar com verdades. É difícil demais estar sozinha em sala de ensaio e me questionar mil vezes “de onde vem a **força** criadora para criar **sozinha**?”. Todo esse peso me levou a um processo de estímulos para esse espetáculo. Minha obra é conectada com muitas coisas de fora de para de dentro: música, figuras místicas, figuras gêmeas e similares, exaustão, invenção, escrita, desenho, vídeos e muitas edições que me ajudaram a acreditar que sim, era possível me ver através do espelho. Enxergar meu rosto, meu corpo, minha voz, porque eu sou àquela que veio. E nesse processo, desvendar esse grito

“CADÊ A OUTRA?!”

Esse grito nem é meu, sabiam? Mas tornou-se pelo peso do processo criativo.

Fui em busca de desvendar meus vazios, mas sempre com àquela sensação de que um em um vácuo existem infinitas possibilidades de existências criativas. Em devir, atravessei o espelho desse processo para jogar minhas partidas ímpares, falando de um par.

Que curioso.

Atravessando esse espelho, descobro existir um lugar, uma razão **fetal** de existir, o que me faz mais uma vez ressignificar o que seria um vácuo.

Está acontecendo um encontro-acontecimento. Há um (a)feto, há **ALÍCIA** em meu espelho.

Corpo-feto

agora fantasma-visagem

por ter sido engolido por mim, talvez, somente talvez, seja o dispositivo de meus incômodos; incômodos psicofísicos que servem à minha esfera do ser artista, ser mulher, ser **gorda**, ser talvez **tênu**.

Espera... gorda e tênue?

Tênu, segundo o dicionário:

1. 1.

pouco espesso; delgado, fino.

- **uma teia de aranha.**

2. 2.

fraco, débil.

- **um fio de esperança.**

Para meu processo de criativo, me agarro completamente nos sentidos figurados:

uma teia de aranha

ou

um fio de esperança.

O que quero dizer é que... estou andando na corda bamba. Todo esse sentido figurado me faz sentir que a criação desta obra começou muito antes de entrar no programa de pós-graduação em artes. Acima, quando compartilho com você, leitor, que a presença de algo nos vácuos desde sempre me causou inquietações, talvez fossem justamente meus questionamentos sobre Alícia: **quem é ou quem poderia ser minha irmã?**

Dando continuidade antes de entrarmos nos roteiros de minhas partidas, preciso ressaltar aqui o que me leva a intitular este memorial de **cantos cênicos**.

3.3. Cantos para Alícia: invenção ou redescoberta?



Figura 34: Álbum de família – eu cantando.

É possível lembrar de coisas que não vivi? É possível sentir falta do que tive e não me lembro? É possível... é verdade?

*Eu lembro que eu era
Eu lembro que eu era...
Um feto vermelho e arredondado.*

*Eu lembro que eu era
Eu lembro que eu era...
Um feto vermelho e arredondado.*

*Eu lembro que diziam...
Fica. Fica. Fica, FICA! FICA! FICA! FICA! Fica...
Fica... Fica... FICA!*

Mas essa garotinha não existe...

Mais.

- Amanda Linhares, "Canto de Alícia"

Figura 35 Canto de Alícia.

Minha mãe sempre me deu apelidos peculiares. Me chamava de “príncipe”, “dungli” e “**pássaro**”. Sempre achei príncipe e pássaro os mais engraçados por serem no masculino, apesar de “dungli” ser uma palavra inventada. Ou pelo menos, no meu imaginário, é inventada.

Pássaro.

Não sei o porquê de ela me chamar assim. Mas para mim, ela quem é um pássaro. Minha mãe sempre cantou muito bem! Nessa labuta, algumas entre tantas memórias de canto me vêm à tona para a composição dessa obra.



Figura 36: Álbum de família – grupo Verbus.



Figura 37: Álbum de família – Espetáculo “mulheres de chico”.

Além de seu ofício de ser atriz e advogada formada, ela sempre exerceu muito bem a profissão de cantora. Eu lembro que eu acompanhava minha mãe nos bares à noite onde ela cantava e me achava íntima da classe artística paraense. Mas calma! Ela me levava com muita

responsabilidade, muitas das vezes eu estava acompanhada de alguém, suas grandes amigas que hoje para mim são como família. Eu tenho uma lembrança muito nítida em Belém de um lugar chamado “Café imaginário”, onde ela cantava semanalmente. Em um determinado ano, ela comemorou seu aniversário de 30 anos lá. Nesse dia foi toda a vila lima pra lá! Vila Lima, como citado na introdução, era a vila em que morávamos no bairro do Guamá. Nesse dia foram desde às vizinhas, até minha madrinha, meu avô e minha avó. Tinha um bolo gigante para minha mãe e um monte de gente querida. Ela fez questão de adiantar os parabéns para que eu conseguisse voltar cedo para casa e porque o lugar era... “tenso”.

Não posso deixar de citar também, a primeira e (infelizmente) única vez que fui em Algodual ficar “na casa do pescador”. Essa tal casa do pescador era uma pensão com vários artistas “bagaceiros” que foram passar férias lá. Nessa época Algodual não tinha luz e eu nunca me esqueço do céu estrelado mais lindo que já vi na vida. E da primeira vez que vi uma estrela cadente, do frio na barriga que senti e uma felicidade genuína. Sei que nessa viagem, minha mãe também foi cantar um bar e eu a acompanhei. Eu era (e continuo) tão fã, que mesmo sendo criança eu não parava de pular um segundo. Esse momento rendeu ótimas fotos para a posteridade que hoje nos causam muita risada.

O fato é que, eu e minha mãe crescemos juntas. Companheiras uma da outra. Erramos muito uma com a outra na mesma proporção que aprendemos. Mesmo eu sendo “um cabo de guerra” entre duas famílias completamente diferentes, eu sempre defendi minha mãe com unhas e dentes. E ela nem me pedia para fazer isso. Só foi realmente uma criação muito honesta em todos os sentidos que isso abrange.

Além de acompanhá-la nos bares onde cantava, eu também a acompanhava nos ensaios. Os ensaios dos shows, que eu voltava para casa imitando todas as cenas que eu tinha visto; poderia ser em frente ao espelho ou para algum parente, eu só queria mostrar o quanto eu gostava daquilo e claro, receber aplausos. Foram inúmeras as vezes que a acompanhei na cidade velha nos ensaios dos “Palhaços trovadores” onde até aprendi a dar cambalhota e andar de perna de pau, ou do grupo “Cuíra”, lugar que amava voltar de madrugada para casa e acompanhar os bastidores de cada temporada.

Mamãe sempre arrumava uma lancheira para mim com bolacha *cream cracker*, suco de goiaba, água e sempre uma toalhinha. Da mesma forma, quando eu não podia acompanhá-la, eu esperava sempre ela chegar em casa para poder dormir em paz, grudada no celular “tijolão” do meu avô, esperando alguma possível ligação.

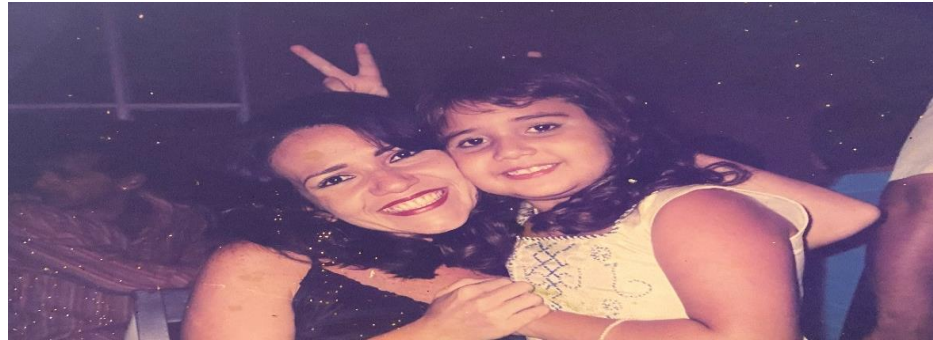


Figura 37. Álbum de família – eu fazendo chifrinho na mamãe

Ela chegava e eu fingia que estava dormindo. E horas depois... eu e ela já estávamos de pé para fazer o dever de casa, tomar café com leite e “pão no fogo” (àquele maçaricado que esquenta com a faca) e pegar minha lancheira bem feliz.

Nesses momentos ela adorava cantar cozinhando. Cantos que até hoje não esqueço e que de alguma forma muitos anos depois vieram fazer sentido em minha vida.

“Alô, liberdade
 Desculpa eu vir
 Assim sem avisar
 Mas já era tarde
 E os galos tão
 Cansados de cantar”

“Alô, liberdade” de Chico Buarque, era uma das músicas que ela mais cantava durante nossos cafés da manhã, ou ouvia limpando a casa... mais tarde, tornou-se uma das músicas que ela cantava como canção de ninar para minha irmã, Letícia. Lembro que em um período muito difícil

da minha vida já adulta, em que eu fazia parte de uma comunidade católica e estava trabalhando em um lugar superburocrático, eu ouvi essa música no ônibus e comecei a chorar muito... finalmente fazia sentido a frase “mas já era tarde e os galos tão cansados de cantar.”

Acredito que nesse momento nos auge dos meus vinte anos, eu me sentia muito sozinha. Nessa época eu pensava muito como seria ter uma irmã gêmea. Alguém que me acompanhasse, que dividisse comigo o quarto, roupas, segredos. Ou será que ela seria completamente diferente de mim?

Isso também seria incrível.

Me perceber pensando na Alícia no início da minha vida adulta me fez ter a saudade de coisas que não vivi. Como narrado anteriormente, tive uma infância muitas vezes solitária. E quando eu parava para pensar nesse grito de liberdade, de vir pra fora, eu só queria alguém para conversar sobre isso francamente e sem filtros.

Eu me via presa em uma vida que não gostava, e me remeter a esse momento da minha infância, só fez com que eu quisesse voltar para o colo de minha mãe para ser livre de novo. Eu admirava muito a liberdade e coragem que ela tinha de ser quem era e de alguma forma eu queria sentir isso também. Sabia que isso também era o que ela queria para mim e gostaria para Alícia também.



Figura 38: Álbum de família – tomando banho com a mamãe.

Para além disso, acredito que meu mote disparador nesse mapa para que eu levasse os cantos nascidos em sala de ensaio para a realização da minha obra, foi quando minha mãe deixou gravado na minha câmera digital vermelha, um vídeo dela cantando a canção “Flor, minha flor” do Grupo Galpão, cantada no espetáculo Romeu e Julieta:

“Flor, minha flor
Flor, vem cá!
Flor minha flor, laiá, laiá, laiá...
O anel que tu me deste,
Flor vem cá!
Era vidro e se quebrou laiá, laiá, laiá...
O amor que tu me tinhas
Flor, vem cá!
Era pouco e se acabou laiá, laiá, laiá...”

Talvez ela nem saiba, mas eu passei dias vendo àquele vídeo. Eu estava encantada por àquela música pelo simples fato de ela deixar gravado na minha câmera. Era como se fosse um presente. Passaram-se anos e eu nunca mais tinha ouvido essa música; até que em processos criativos ela apareceu através de professores e colegas em alguns momentos da minha graduação e tornou-se também uma poética da recorrência minha. Lembro que cheguei, durante o curso de Licenciatura em Teatro, a fazer umas duas cenas relacionadas a saudades e feminilidades. E nas duas, a música veio à tona em meu canto. Na minha voz dessa vez, eu mesma me sentia acolhendo meu corpo e meu coração com um amor muito grande e maternal.

Ao longo desses anos de formação como atriz e professora de teatro, a música invadiu minha vida e meu coração como uma virada de chave. Primeiro, virava a chave em meus processos criativos enquanto estudante e professora. Eu sempre usava a música como elemento de voz ou sonoro para meus experimentos. Isso sempre fez parte de mim por um sonho antigo que em 2022, tornou-se concreto.

O teatro musical.

Eu finalmente voltei para a cena, no meio do mestrado em artes. Eu lembro que antes de entrar na linha um, eu me considerava “muito mais acadêmica do que atriz” por muitas inseguranças geradas, também, ao longo das trajetórias pandêmicas. Percebi que eu me enganava para ser mais fácil de não encarar o *peso*, anteriormente citado. Era de extrema *leveza* me considerar somente professora de teatro, com objetivos traçados dentro da minha vida. Até que, voltando para cena entregando a intensidade do “realismo fantástico” e estudando toda a potência envolvida na ideia de que “a música, materializada no canto, é o momento em que a personagem não tem mais como expressar-se somente em palavras e gestos; então, ela canta” (LAUNÉ, 2022) desabrocha, torna-se uma verdadeira força de um corpo criado para àquela realidade, eu percebi que o teatro musical era a tão antiga mais nova menina dos meus olhos. Eu estava apaixonada por estar em cena de novo, e finalmente “acreditando que minha voz está a serviço da minha personagem e não ao contrário” (SCARPELLINI, 2022). Essa máxima, antes de conhecida, mas já posta em prática, me levou a deixar certas inseguranças e perceber, mesmo sem saber ao certo o porquê, que o canto tanto me atravessava.

A música e o teatro embalaram minha vida desde o berço como narrada a trajetória com a minha mãe. Entre tantas incertezas passadas ao longo desses anos, eu me agarro na novidade que o teatro musical trouxe para mim. E o mais interessante nesse processo é que nunca me desvinculei do conceito artista-pesquisadora.

Tudo nesse trajeto sempre foi e será arte!

Tudo em minha arte será pesquisa, questionamento, curiosidade e descoberta!

E assim, eu dei início aos meus cantos cênicos de um corpo duplo.

Nesse processo de sala de ensaio para a construção deste espetáculo, a música também foi um elemento indutor muito especial que me levou a descobrir ou questionar muitas das coisas que narro durante essas **onze partidas**. Eu sabia do desafio de ir para a sala de ensaio sozinha e ter que me dirigir, me concentrar, dividir meu tempo.

Então, eu comecei a fazer metas para maquinar minhas instalações que narrarei para você, como meu roteiro de ações.

Para que isso fosse possível, determinei:

- Eu estaria três dias em sala de ensaio durante duas horas

- Uma hora e meia: alongamento, aquecimento com músicas que me levassem a não memórias, mas sim, sensações. Diante dessas músicas, as quais muitas vezes eram pontos de erês e principalmente de Cosme, Damião e **DOUM**, eu começava a trilhar um caminho para conhecer Alícia; principalmente me olhar no espelho e perceber o que queríamos juntas dizer em cena

- Durante a meia hora que faltava para terminar minha meta de duas horas em sala de ensaio, eu escrevia tudo o que havia vivenciado naquele dia e pesquisava todos os *insights* criativos que ali tinham surgido.

Entre todas essas sensações, para esse roteiro de ações desse espetáculo, surgiram muitos cantos. Cantos espontâneos que eu percebia que já estavam em mim, mas que talvez eu nunca fosse descobrir se não parasse para pesquisar a fundo quem é Alícia em minha vida. Com esses cantos eu criei minhas onze instalações, eu descobri/inventei tudo àquilo que ela queria me falar e tudo àquilo que ela não me falava.

Alícia não nasceu.

Logo, não aprendeu a falar.

Por que então eu, conseguiria cantar seus incômodos/inquietações/alegrias?

Acredito que nesse momento de sala de ensaio eu finalmente entendi na prática o que seria o *fetus in fetus*. Ela está dentro de mim. De alguma forma, viva, mesmo que sejam em substâncias ou memórias de ventre. Mas principalmente, está viva no meu imaginário criativo pois eu sou àquela que veio e é através de mim que ela tem ou não voz. E não ao contrário...

Tudo isso me levou a perceber que o conceito de “corpo invertido” inicialmente entregue em meu pré-projeto poderia até ainda fazer sentido. Mas fazia muito mais sentido um corpo que vem de dentro, no formato de voz, toques e possíveis olhares. O mais curioso é que eu percebi que meu interno é nosso espelho. E não um espelho físico. É como um exercício de precisar me encolher para perceber quem está dentro de mim e entrar nesse lugar, tal como Alice de Carroll no país das maravilhas, tal como habita em corpo tênue.

Porém, duplo.

Ficou claro que sou um duplo.

- Por vezes, em sala de ensaio eu não conseguia me olhar no espelho físico. Talvez, esse momento fosse de Alícia.

- Ela, em minha voz, não conseguia falar sobre todos os assuntos. Mas fazia questão de falar sobre nossos pais e nossas irmãs, principalmente daquelas dos signos de água:

Aquário: Alícia chorava ao se lamentar por não ter visto a Ana Laura crescer. Ela é o nosso primeiro amor, nossa primeira irmã.

Peixes: Suplicava a mim até mesmo me exortando sobre o cuidado e carinho que eu precisaria ter com Letícia, nossa irmã que nasceu do mesmo ventre, nossa companheira de útero. Alícia me disse que precisávamos cuidar umas das outras e saber que entre nós duas, existia algo especial.

Será que tudo isso eu já não sabia? Será que por muito tempo de fato eu não dei ouvidos e espaço para que Alícia cantasse? Se esses foram os casos, em “Cadê a Outra?” minha irmã teve essa voz

Assim como nos cantos da minha mãe,

Da Letícia,

E certamente nos meus como Amanda.

Sendo assim, estabeleci um roteiro de ações para esse espetáculo, no qual meus *cantos cênicos* perpassam ainda pelo *eterno retorno*.

4. CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO CÊNICA: “CADÊ A OUTRA?” CANTOS CÊNICOS DE UM CORPO DUPLO E O MAPA DAS 11 PARTIDAS

A apresentação cênica/defesa pública deste memorial/dissertação realizada em 6 de agosto de 2023, na Casa dos Palhaços em Belém do Pará, às 18h, teve seu ensaio aberto oficial nos ensaios para a sua qualificação em janeiro do mesmo ano. Neste capítulo, além de acompanhar a dramaturgia¹ a qual prefiro chamar de partidas, também acompanharemos imagens desse processo de ensaio, tal como suas artes de divulgação, e dentro da poética, suas possíveis conclusões. Vale ressaltar que toda pesquisa “finda em aberto”, o que torna este memorial, assim como sua criadora, mutável.



¹ A dramaturgia completa do espetáculo se encontra nos apêndices.



Figura 39: Fotos de ensaio aberto e qualificação.

Para a qualificação, montei uma equipe técnica com alguns artistas paraenses e consegui a colaboração de um espaço para ensaiar as minhas composições. Com essa equipe e alguns convidados, pude fazer ensaios abertos antes de qualificar. Essa equipe será apresentada como ficha técnica ao longo deste capítulo.

Foi interessante observar as mudanças que ocorreram durante os ensaios, não só por olhares externos, mas pela própria sensação de estar fazendo. A apresentação cênica acontece quase que como um *happening*, suscetível a mudanças até mesmo durante sua execução. Afinal, estou falando de um “objeto vivo”, ou seja, um fenômeno.



Figura 40: Fotos de qualificação.

Na qualificação, apresentei 5 partidas das 11. Quis apresentar um número ímpar para entender o significado de “só tem uma” em “cadê a outra?”. O momento foi crucial para que eu pudesse ouvir a banca e apreender suas orientações para o momento presente.

Tal como “Alice através do espelho”, temos aqui 11 partidas desse jogo cênico:

- 11 é o nosso número. 11 é um próprio espelho, percebem?
- 11, mesmo sendo ímpar, por ser nosso, é par.
- Mas 11 na verdade é meu, voltando a ser ímpar, pois nesse jogo, eu sou *àquela que veio*.
- Privilegiei então, o número 11 para uma partida sozinho, enquanto todas as outras partidas são pares.
- Sendo assim, para cantar sobre àquela que não veio, até chegarmos na partida ímpar, começamos com as *regras do jogo*

MAPA PARA SEGUIR AS 11 PARTIDAS:

O jogo tem 11 instalações

Em cada instalação, acontecerá uma ação

Ou seja: visitá-las em ordem crescente de acordo com seus números até chegar no número 11

O jogo-instalação vai estar exposto para que os participantes possam passear por ele e visitar cada instalação

Cada instalação, antes de cada ação acontecer, vão ter características próprias. Isto é, cenários já instalados pela jogadora.

Quando a jogadora principal der início a sua partida par de forma ímpar, os outros participantes deverão instalar-se ao redor em formato arena e interagir de acordo como as ações da jogadora fossem se seguindo.

- Para que o público entre no ambiente do jogo, estarei cantando uma música da minha adolescência que fala sobre companheirismo e sobre ter encontrado sua dupla: *What I've Been Looking For, High School Musical*.

- Espero recepcionar o público com esse canto cênico que fez muito sentido para mim

- É meu primeiro momento de estabelecer esse espaço, observando os cenários e de certa forma organizando desde já as instalações.

4.1. PRÓLOGO

- Me posiciono como jogadora principal em cena;
- Partilho com o público uma carta falando sobre meu cotidiano;
- Perpasso pelas 11 instalações cantarolando, até parar na instalação 1. - O corpo é de intérprete inicialmente, permitindo ser afetado pelas coisas expostas e pela interação com o público. Ao chegar na partida número 1, se depara com uma estrutura de espelho, porém sem vidro;
- Nostalgia essa que faz parte da minha vivência familiar, remetendo-me a momentos específicos de mudanças extremas e faltas não nomináveis;
- Olhando-me nessa estrutura sem vidro, começo a interagir com minha própria figura. Existe a dúvida se sou eu de fato ou uma figura idêntica.

4.2. CENA 1: PARTIDAS 1 E 2 – MEUS BOTÕES

- Aqui início meus cantos.
- Esse é meu primeiro contato com a memória familiar a ser exibida de forma musicada pela minha voz, trazendo os “E se(s)?” com a música autoral “Meus Botões”, a qual nomeia a partida.
- Esse canto me auxilia no contexto de memória declarativa, exibindo que esta é “utilizada para armazenar e relembrar fatos e/ou dados recebidos pelos sentidos, criação de ideias, raciocínios” (DANTAS, 2023) juntamente com as possibilidades que entrariam em contexto se Alícia estivesse em vida, ou melhor, em corpo.
- Finalizo esta declarativa e sento-me em frente à estrutura de espelho sem vidro: a *webcam* do meu computador.

4.3. CENA 2: PARTIDAS 3 E 4 – A OUTRA: MEU ESPELHO, MEU CLÍMAX

- Nesse momento, percebendo apenas um corpo, Alícia ganha voz por lembranças de útero.
- Estando eu, na partida de número 3, me deparo agora com uma cadeira bem colocada para que meu corpo possa sentar-se. As cadeiras, como citadas anteriormente ao longo deste memorial, têm para mim, um sentido de pertencimento.
- Acima dessa cadeira, existe uma estrutura de varal com fotos: fotos minhas, Amanda, que saíam duplicadas. O duplo me acompanhando: eu exatamente na mesma esfera, somente em posições diferentes. Fotos que de fato parecem espelhos. Ou gêmeas.
- Nesse varal também têm fotos com nossos pais, nossa família e nossos primeiros momentos, mas principalmente fotos nossas e das memórias jogadas ao nosso peito, agora investigadas.
- Ao sentar-me na cadeira e me deparando com essas lembranças, estou em dia de escrita comum e começo a digitar frases que estão nesse texto.
- Eu começo a me distrair com tarefas cotidianas, já que a escrita não está fluindo.
- Me deparando com nosso espelho, em minha realidade a webcam, por gravar diariamente vídeos-teste, fico presa naquela imagem.
- Alícia sai do espelho e toma conta daquele lugar, interagindo com o público. Não há mais “casa vazia” quando se trata dela, e nessa projeção, somos idênticas porém diferentes.
- Ela questiona, conversa com o público e comigo mesma, ou seja, com minha voz, que está “dentro da nossa cabeça”.
- Nessa partida do jogo, Alícia é a jogadora principal e se dá o direito também de ser mutável. Questiona, mas se permite estar vulnerável para falar com àqueles que também fazem parte do seu imaginário.
- Alícia canta para mim a música autoral “Por você”, lado B da música “Foi você” de uma próxima partida, cantada por mim.
- Alícia conversa com nossos familiares e me “permite voltar”, recitando o “Canto de Alícia”, o qual repetimos a palavra “FICA” onze vezes, estabelecendo nosso pacto de volta. Onze, número ímpar, para nós que somos um par. Onze, dia do nosso aniversário. Onze, número de nossas partidas.

4.4. CENA 3: PARTIDAS 5 E 6 – QUEM É A RAINHA DE COPAS?

- Ao voltar do espelho, dar play da webcam, eu chego na instalação para o Lado A
- Nessa 5ª partida estão dispostas várias roupas e objetos pessoais espalhados tal como se fossem um jogo de amarelinhas. São roupas infantis e adultas, a diferença é que:
 - As roupas e objetos infantis são restos de enxoval, ou seja, todos duplos.
 - As roupas e objetos adultos não se repetem.
 - Vamos chamar de peças PP e GG.
- O desafio dessa partida é fazer com que estas peças se fundam em um lugar, e não mais mantenham-se espalhadas. Ou descobrir que um destas se sobressai e... “vence”. Mas o questionamento que fica é: sendo todas as peças, independente de P ou GG fazem parte de um corpo duplo, existe, de fato uma vitória ou sequer uma disputa?
 - Esse Lado A, cantado por mim portanto, é o nosso duelo: “Foi você”

4.5. CENA 4: PARTIDAS 7 E 8 – LADO B

- Começo a partida rearrumando os cenários que se bagunçaram durante esse trajeto.
- Vou entendendo o espelho como um reflexo do nosso cotidiano, como uma válvula de escape.
- Separando nossas roupas
- Amanda começa a arrumar o acúmulo de coisas enquanto está tocando um áudio do texto autoral “Lado B”:

Lado B

Lado contrário, suscetível a liberdade, diferença de ideias e opiniões

Lado, onde se concentra a verdade nua e crua

E o abandono da falsidade.

Lado B

Lado que segundo sua própria essência, é contrário, é invertido

Um duplo, porém, secundário.

Um duplo, porém, B e não A.

Lado B

Perfeito para novas visões

Ideal para novas epifanias

Mão na luva para quem quer ser diferente

Eu tenho meu lado B. Mas eu sou

o meu próprio

lado A.

Ao arrumar o acúmulo de coisas, Amanda também arruma a pequena mesa de jantar com sua comida preferida e quatro pratos. Na mesa, tem estrogonofe de carne, arroz, batata palha e coca zero.

4.6. CENA 5: PARTIDAS 9 e 10 – COMER PARA CABER: ESTROGONOFE DE CARNE

- Começa a tocar uma música como se fosse um reality show.
- O sentido dessa instalação é brincar com o jogo de Alice no país das maravilhas, quando ela come coisas para entrar nos lugares.
- A ressignificação, é fazer isso com comida afetiva, para as Alices: minhas irmãs.
- A comida que sempre foi feita como minha preferida, está agora nas minhas mãos. Volto a ser a jogadora principal.

4.7. CENA 6: PARTIDA 11 – SÓ TEM UMA

- Longe de ser uma partida de despedida, essa instalação se torna o tão aguardado encontro. Finalmente achei “A outra” e percebo com ela que essa busca é somente o início.

- Entre o canto da minha Mãe minha irmã Letícia de “Flor, minha flor” do grupo galpão, me reencontro com Alícia através do espelho, tal como Alice reencontrou sua mãe no livro.

- É outra perspectiva. Finalmente, ao nos reconhecer como similares e tão diferentes, nós damos afeto que nos foi afastado. Procuramos entender que esse é o início da nossa história.

4.8. EPÍLOGO

- Nesse momento finalizo o experimento cênico com mais uma carta sobre meu cotidiano para o meu espectador. Um cotidiano ressignificado, plural, duplo de diferentes formas. Entendo que naquele momento eu encerro e inicio um ciclo e compartilho um pouco da trajetória necessária para chegar até ali. E o mais importante: a conclusão existe em formato, mas está em aberto.

Aqui quem vos fala somos nós duas, porém em uma.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARROLL; Lewis. **Alice Através do Espelho**. TRAD. Márcia Soares Guimarães; Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- DELEUZE; Gilles. **A Lógica do Sentido**. TRAD. Luiz Roberto Salinas Fortes; São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DELEUZE; Gilles. **Crítica e Clínica**. TRAD. Peter Pál Pelbart; São Paulo: Editora 31 Ltda, 1997.
- DELEUZE; Gilles. GUATTARI; Félix. **Bibliografia Cruzada**. TRAD. Fátima Murad; Porto Alegre: Artmed, 2010.
- ARTAUD; Antonin. **A Perda de Si**. TRAD. Ana Kiffler, Mariana Patrícia Fernandes; Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- KUNDERA; Milan. **A Insustentável Leveza do Ser**. TRAD. Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca; São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

6. REFERÊNCIAS INFOGRÁFICAS

- CARROLL; Lewis. **Alice No País das Maravilhas**. TRAD. Clélia Regina Ramos; Versão para eBook – eBooksBrasil.com: Editorial Arara Azul, 2002. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/alicep.pdf>. Acesso em 06/03/2021.
- CHIARA; Ana. **O Conceito de Bioescrita**. 2017/03. Disponível em: <https://bioescritas.files.wordpress.com/2017/03/o-conceito.pdf>. Acesso em 26/03/2021.
- DANTAS, Gabriela Cabral da Silva. **"Memória"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/memoria-1.htm>. Acesso em 23 de julho de 2023.
- O TEMPO. **Quem é Doum?** O tempo, 2012. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/o-tempo-contagem/quem-e-doum-1.27097>. Acesso em 14/07/2023.
- OLIVEIRA, Francisco Arthur Bezerra; MAGALHÃES, Maria Elizabeth. Revisão bibliográfica sobre fetus in fetu. **X encontro de iniciação à docência**. 2007. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/anais/IXEnex/iniciacao/documentos/catalogoresumo/6.SAUDE/6CCSDMMT04.pdf>. Acesso em 14/07/2023.

RAZÃO INADEQUADA. **Cuidado de si: uma ética.** Disponível em: <https://razaoinadequada.com/filosofos/foucault/cuidado-de-si/>. Acesso em 14/07/2023.

ROLNIK; Suely. **Os mapas movediços de Öyvind Fahlström.** Catálogo da retrospectiva da obra de Öyvind Fahlström: Museu d'Art Contemporani de Barcelona (Barcelona, Espanha, 2001). Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm>. Acesso em 20/03/2021.

SALES; Alessandro. **Deleuze e a Lógica do Sentido: o Problema da Estrutura.** Trans/Form/Ação, São Paulo, 29(2): 219-239, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/trans/v29n2/v29n2a15>. Acesso em 05/03/2021.

SOUZA; Iara Regina. **Os Sonhadores Das Sombras: Uma Cartografia Poética Das Micropolíticas De Resistência Da Dramaturgia Da Luz** Opus Lux. Universidade de Aveiro; 2017. Disponível em: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/21365/1/Iara%20Regina%20da%20Silva%20Souza.pdf>. Acesso em 06/03/2021.

7. REFERÊNCIAS CINEMATOGRAFICAS:

BOBIN; James. **Alice Através do Espelho.** Lançamento: 26/05/2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Y4stQTffsco&list=PL_HLcAJBOIancrp-_5QEuRQ2BcAUo7Sqr e plataforma Disneyplus. Acesso em 23/03/2021.

LUSKE; Hamilton. JACKSON; Wilfred. GERONIMI; Clyde. **Alice no País das Maravilhas.** Lançamento: 14/09/1951. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jcXn3OafB50&list=PLqyPM-SVKKu6Be9tIHn2T1H-5_z3x-fhW e plataforma Disneyplus. Acesso em 24/03/2021.

8. REFERÊNCIAS FOTOGRÁFICAS:

AVIZ; Nayan. **Fotos: qualificação e ensaio aberto.** Fotografadas de 20 a 26/01/2023.

LAUNÉ; André. **Fotos em Sala de Ensaio**. Fotografadas em: 06/10/2021.

MENDONÇA; Landa. **Álbuns de família**. Fotografadas em 20/12/2022.

ARAÚJO; Letícia. **Capa: cadê a outra?**. Modificada em 20/12/2022.

LINHARES; Amanda. **Mané Monstro**. Modificado em 03/07/2023.

LINHARES; Amanda. **2uas Fotos**. Modificada em 10/07/2023.

9. REFERÊNCIAS ORAIS:

LAUNÉ; André. **Notas em sala de ensaio**. Anotadas em 14/11/2022

SCARPELLINI; Jessé. **Notas em sala de ensaio**. Anotadas em: 23/10/2022

LOUREIRO; Paes. – **Trocas em sala de aula**. Anotadas em: 15/06/2017

10. APÊNDICES

DRAMATURGIA

“CADÊ A OUTRA?” CANTOS CÊNICOS DE UM CORPO DUPLO

TEXTO, DIREÇÃO, CENOGRAFIA E ELENCO: AMANDA LINHARES

SONOPLASTIA E DIREÇÃO EXTERNA: ANDRÉ LAUNÉ

CONCEPÇÃO DE SONOPLASTIA: ASSUCENA PEREIRA, GABRIEL CATETE, BIANCA ROMA

PREPARAÇÃO DE ELENCO: MILLER ALCÂNTARA

CONCEPÇÃO DE LUZ: MILLER ALCÂNTARA E ASSUCENA PEREIRA

DIREÇÃO DE PALCO E ASSISTÊNCIA DE CENOGRAFIA: RICK MORAES

VISAGISMO: XVICCY

FOTOGRAFIA E VÍDEO: NAYAN AVIZ

Amanda está arrumando o cenário de instalações cantando “What I’ve Been Looking For” (High School Musical), enquanto o público entra no espaço e se posiciona em arena.

“It's hard to believe
That I couldn't see
You were always there beside me
Thought I was alone
With no one to hold
But you were always right beside me
This feeling's like no other
I want you to know
I've never had someone that knows me like you do
The way you do
I've never had someone as good for me as you
No one like you
So lonely before, I finally found
What I've been looking for

So good to be seen
 So good to be heard
 Don't have to say a word
 For so long I was lost
 So good to be found
 I love having you around
 This feeling's like no other
 I want you to know
 I've never had someone that knows me like you do
 The way you do
 I've never had someone as good for me as you
 No one like you
 So lonely before, I finally found
 What I've been looking for
 Doolulu Doo doolulu lu doo
 Woa-ah-ah-oh
 Doo doolulu Doo doolulu lu doo
 Woa-ah-ah-oh”

Ela organiza se observa no espelho e escolhe a roupa que vai usar nesta primeira instalação.

Arruma cadeiras, um possível banco, computador pessoal, roupas no chão e uma mesa de jantar intimista.

Ao parar de cantar, começa a tocar o instrumental de “Pagu” (versão Maria Rita). Ela se senta de forma que toda plateia consiga enxergá-la e puxa uma carta de fácil acesso a seu lugar. Essa carta é o “Prólogo”. Ela começa a ler essa carta em voz alta para a plateia.

Amanda – Prólogo. São Paulo, segunda-feira 03 de julho de 2023. Bairro da Liberdade, 18 graus... supostamente. Um mês e três dias para “Cadê a outra?”. Muitas coisas passam na minha cabeça durante uma segunda-feira e recomeço definitivamente não é uma delas. Segundas-feiras para quem é artista e passa o final de semana ralando, geralmente é folga. Pro artista-pesquisador... eu sinceramente não sei. Depois que o pós-

graduando sai dos semestres em sala de aula, haja disciplina para esse ser humano construir seu horário, viu? Sejam sinceros? Ninguém vive e nem deve viver só para a academia. No entanto, hoje eu pensei em continuação. Fazia tempo que não pegava essa dissertação para cavar com mais palavras. Somente lia, explorava imagens e conceitos e ficava de saco cheio. Mas eu sempre fui muito boa de pesquisa de campo, e sinceramente, meus amigos, há um ano que eu sou um próprio mapa móvel de pesquisa de campo. Mudei de cidade no meio das disciplinas obrigatórias. Não porque eu sou rebelde ou porque eu odeio a vida acadêmica. Mas eu tinha sido aprovada num espetáculo musical e lembrei o quão eu andava me sentindo vazia enquanto atriz até 2021, mais ou menos. Não que eu não goste de falar em uma boa sala de aula “vamo lá, pessoal, silêncio” pro sétimo B, que seja, mas eu tava cansada. Cansada não só da educação básica, mas também de conseguir públicos muito pequenos para os meus cursos livres. É... eu, como sou inquieta, simplesmente entre as demandas de mestrado, voltei a estudar interpretação porque pra mim é impossível ser professora de uma coisa que não pratico. Eu disse PRA MIM. Sem me cancelar no *twitter*, por favor. Pois bem, musicais eram meu tesão maior. Talvez ainda seja, nem sei... ando muito chata e seletiva para tudo. Mutável, versátil, bissexual com carteirinha vencida, ixi, tudo àquilo que tem de mais complicado na vida de uma sagitariana. Deve ser São Paulo me deixando assim.

A questão é que, sou atriz e o que tiver de *job* meu amor, tô ali. Pra fazer meu mercado, pegar meu corre (**olha para o público em confiança**) e também pedir meu *ifood* e me dar um luxo de uber às vezes, né pai? Brincadeiras à parte, tudo isso é... É sério. Pagar meus cursos e construir minha carreira, ficar satisfeita e não insegura com meus feitos, ter sede de criação e permanecer na energia do trabalho, pareciam coisas inalcançáveis um ano atrás. Entender que abundância gera abundância e que talvez o espírito sofredor que mora no quartinho do medo da minha casa (como carinhosamente eu e minha mãe apelidamos o quarto cheio de coisa antiga da proprietária), só esteja esperando eu chorar pra que ele possa ter um gostinho de vida... tudo isso me faz permanecer em escuta ativa das coisas ao meu redor, de meus firmamentos. E tudo isso só tem acontecido por eu estar onde eu estou, passando por àquilo que quer que seja. Eu sou exatamente quem eu deveria estar sendo nesse momento, e nem um e-mail do SERASA ou dia de jantar bisnaguinha da turma da Mônica me tira essa certeza.

Quando eu era católica, ouvia muito uma música que dizia “o Senhor deu, o Senhor tomou” e pra minha sorte o universo tomou muita coisa que me atrasava e tirava minhas curiosidades, coragens e personalidade. E de fato, talvez pela própria força da palavra, ou súplica na lágrima, me bagunçou por completo e me deu a vida de hoje. Ora dor, ora delícia, é simplesmente a minha vida. Nem pior, nem melhor. Só minha.

Por falar em universo, fico pensando o que o povo do plano espiritual pensa de mim. Saio na rua, faço o sinal da cruz, ponho o fone de ouvido e tá tocando “quando passar, na porta do cemitério, moço” até eu chegar no metrô e botar um mantra de *ganesha* pra uma viagem longa até a zona leste. Tipo... que??? Será que eles pensam “com quem essa mana tá falando?” e de repente conversam entre si pra ver de quem é a confusão ou ação de graças que eu tô apresentando. Desço na estação, passo numa encruza e (**paro, bate palma**) Laroyê, sr, tranca, exú é mojubá! Ando até meu destino, rezando os mistérios do terço, vejo o céu ficar laranja e digo “louvado seja Deus que faz nova todas as coisas” e chego no set de filmagem. Passo doze horas gravando um comercial, estranhamente cansada e... feliz, realizada, viva como nunca estive. E olha que nesse um ano eu quase morro muitas vezes. Né, mãe?

De madrugada chego em casa, me deparo com minha gata tigrada SRD, a Violeta, fugindo no corredor e um copo de água de sal grosso na parte de dentro da porta. Busco ela, digo “eiii filha” e ela responde “muaaa” enquanto entramos em casa. Acendo vela pro meu anjo de guarda acima da cabeça, conhecido como “em cima da geladeira” vou até o espelho, me olho e digo “eu ativo arquétipo de Afrodite, eu ativo minha deusa interior e me disponibilizo aos poderes vindos da carne”. Deito na cama, e espero minha terapeuta integrativa para aplicar Reiki e realinhar meus chakras na força da filosofia hindu. Calma gente, minha mentora espiritual disse que tudo bem eu ser espiritualista, o pessoal não fica com raiva de mim. Por que eu acredito nela? Gente... ela não é um padre, ela não é um pastor, ainda não é mãe de santo e também não dirige um centro espírita. Ela é minha cartomante que tira tarot online pra mim.

Antes de dormir e ouvir àquela música (**rum rum e canta entre dentes**) “*é o brazzino, jogo da galera*” (**fazendo movimento de dj**), assisto memes como uma boa jovem *zennial*, mais especificamente o quiz dos idosos, pensando “meu deus eu vou ser exatamente assim.” E ai eu rezo pra toda galera que conversei durante o dia, e durmo pra no dia seguinte pesquisar o significado dos meus sonhos e guardar numa pasta no meu google drive chamada “minha vitória está chegando”.

Pois é, isso é um pouco de quem eu sou hoje. Um pouco mesmo, porque tem muita parte que eu não revelo. Prefiro deixar no meu sagrado. Mas pra falar da outra, eu preciso falar de mim, Amanda, àquela que veio. Sejam muito bem-vindos a esse... espetáculo, performance, happening, defesa pública, nem sei mais... Fiquem à vontade! Talvez muitas coisas vocês não entendam. Quero tornar esse ambiente um momento de comemoração com as nossas trajetórias. Mas eu garanto: mais do que entender, é importante ser atravessado. E acima de tudo, acreditar no que a gente transforma em poéticas e processos de criação em arte. Bom jogo e boa viagem.

CENA 1: PARTIDAS 1 E 2 – MEUS BOTÕES

Amanda levanta do seu lugar e atravessa o palco. Com calma. Pega um violão.

Amanda - Alícia.

(começa a cantar tocar a canção autoral “Meu botões”; a letra vai estar apoiada)

Fico pensando, cá com meus botões...

Se em vida, tivesses vindo.

Se seríamos, duas atrizes. Ou se serias... sei lá, dentista.

Fico pensando, cá com meus botões...

Imagina nós duas caminhando

No museu, com a Tia Dani. E ouvindo Glee, no celta

Ou brincando de creme grandão, com a Tia Duda, no socilar

Ou indo pro show do Los Hermanos, com o Tio Kandy e pensando: “quero ser ele quando eu crescer”

Se estávamos

Dividindo

Um apartamento, na Liberdade

E brigando por atenção, dos nossos pais e nossos padrastos.

Quem seria, a neta preferida? Da Suely e do Seu Alexandre

Quem iria sonhar com o duende mequetrefe, que abre o guarda-chuva “colo... rido”

Quem iria querer mais os 10 reais, pra fazer massagem, no pé da vovó?

Quem será, que ia gostar mais, da Vila Lima? Nossa casinha, no Guamá

Quem será, que ia gostar mais,

De ir pra mosqueiro, com a vovó lúcia?

E aprender com ela, aquela velha simpatia, de encostar a barriga na parede

Se teríamos, os mesmos hábitos, tipo

Assistir chaves, com vô Angelísio

Ou tomar café com pão de tarde, e perguntar: seu leão, seu leão... que horas que vai ser o seu show?

E quem seria, melhor suporte, pra nossa mãe, quando ele foi...

Embora desse mundo

E nos deixou, muita saudade... Daquela rede, naquela sala, do chocolate, nosso cachorro... e do otto. E do gato Alexandre. E do pintinho Arhtur...

“Oxe meu bebê, uh-uh, é o chocolate, é uma flor de lis... vem cá com a mamãe, vem cá com a mamãe, mamãezinha linda... (já vou lá...) oh bebê! (pera aí, pera aí amanda)”

Quem seria o orgulho do papai? Quem teria mantido perto

O carinho, mais genuíno, de um homem, justo e honesto

Quem teria passado direto em matemática ou, sei lá, em história?

Será

Que a gente ia gostar

De brincar, de mané monstro

Na sacada, lá da nove

E do mapati, em Brasília

Papai, imagina ter que por! Mais uma Amanda, na spin

Papai, imagina que amor! Nós duas, te visitando, lá na caixa

Papai, já pensou... que doido... nós três, cantando pet sematary

“I don't want to be buried in a pet sematary

I don't want to live my life again”

Ai, pai, imagina nós duas: tentando invadir a UTI

Mesmo depois da Fabrícia falar que não podia (desculpa fabs)

Pra te ver

E rezar

E dizer que você ia vencer, o covid

Micróbio maldito.

Papai, que bom você veio!

Pra nos ver, passando no mestrado

Pra brigar, pela fatura

Pra dizer “vocês são só coração!”

Pra dividir, a saudade, quando fossemos, pra São Paulo

Pra ter, mais uma chance, de ir pro resort de salinas.

Ou então, sei lá, ir na curuzu...

Ou então ganharias mais uma fã, das tuas fotos, com a Jisoo

Eu te amo, pai, te amamos, pai

Não nos esqueça, nem por um segundo...

“Mas olhando em meus olhos, somente me amou,

E ao me beijar (me beija pai!)

Me acolheeeeu, num abraço de pai”

Quem iria, morar com a mamãe?

Lá no rio, ter outra vida. E assistir os concertos que o Mateus mostrava e ter sempre uma nova epifania (valeu, ma)

Ou será, que juntas morreríamos

De saudades, todos os dias?

Será, que a gente ia ficar

Acordadas, esperando... ela voltar, dos ensaios

E do café imaginário

Mamãe, já pensou quanta memória... seríamos três, na madrugada...

Te acompanhando em cada ensaio, e aprendendo a dar cambalhota

Mamãe, já pensou que alegria...

Nós três, naquele dia, tomando banho de chuva na praça.

SEM SE IMPORTAR COM O QUE OS OUTROS IAM FALAR

Mãe, se perdoe, por esse dia. E obrigada por ser quem é.

Ô mãe, imagina ir limpar... bagunça dupla, na kit net

Ô mãe, já pensou que perturbação, nós duas... querendo tomar Daime, e tu dizendo

“Respeitem o chá, rapaz! Olha que vocês num voltam. A espiritualidade me revelou, menina, não brinca com isso.” e a gente rindo, da tua

cara

Te amo, mãe, te amamos, mãe

“E nos dias, que tivermos pela frente, tragam paz e amor pra gente, sabe por quê? Mamãe, você é a minha flor”

Não nos esqueça, nem por um segundo...

Fico pensando cá com meus botões...

Amanda finaliza a música, guarda o violão, e se senta na frente do computador.

CENA 2: PARTIDAS 3 E 4 – A OUTRA: MEU ESPELHO, MEU CLÍMAX

É um típico dia de escrita. Amanda está travada na dissertação, enjoada da linguagem acadêmica e reclamona da sua improdutividade.

Amanda – Tá, vamo lá, concentra (respira fundo) “Desde que Ana Laura nasceu, eu digo pra ela que ela é meu primeiro amor. E ela é mesmo. Nossa amizade hoje em dia é uma coisa preciosa pra mim” Own. Tá, mas acho que isso não cabe nesse capítulo... deixa eu pensar... “É incrivelmente assustador como a Letícia parece comigo quando eu era pequena. Em aparência, porque ela com certeza é bem mais sem vergonha do que eu era.” Awn. Pera aí... eu já falei isso nesse texto? Já sei! “A fefe é uma irmã que eu tenho uma identificação profunda: nós duas somos sensíveis, intensas. Tenho sorte de ter ela comigo. Mas a rafa... a rafa sempre tem uma resposta na ponta da língua. Me inspiro nela pra dialogar com as coisas difíceis, me impor. E claro, nossa sinceridade sagitariana me rende boas risadas. Será que ela faz ideia que me inspira tanto?” (respira) Meu Deus do céu, tá parecendo tudo tão repetitivo nessa dissertação... meu cérebro tá funcionando como se eu ainda tivesse tempo de sobra, mas o que eu não tenho mesmo é concentração. (abre a webcam) Ainda tenho que gravar àquela selftape... hum, posso aproveitar que eu tô aqui e tirar uns minutinhos, né? Hum-hum “Oi, meu nome é Amanda Linhares, eu tenho 25 na...”

Tira uma foto com a webcam e para ali mesmo. De Amanda, só vemos sua foto recém tirada. Alícia pega um espelho de mão e um batom que estão ao lado do computador. Passa o batom lentamente, e permite que o público veja seu ato. Alícia não tem pressa. Termina de passar, olha pra webcam. Pega a tese impressa, começa a passar as folhas.

Alícia – Ela fala de prólogo, vai falar de epílogo... hum... eu sou o que pra ela? Clímax?!

Ouve-se Amanda em áudio, fazendo analogia ao seu pensamento.

Amanda – Deixa eu voltar!

Alícia – Hã!

Amanda – Deixa. Eu. Voltar.

Alícia – Nem pensar. Tu ficas aí falando de mim e quando eu finalmente tenho uma deixa nesse negócio que tu chama “dramaturgia”, que fala tanto sobre mim, o mínimo que tu podes fazer é ser grata.

Amanda – Tu sabes muito bem que eu não gosto que me peçam pra ser grata.

Alícia – Ah blá, blá, blá, Amanda! Eu hein. Isso não é sobre você...

Amanda – Claro que é.

Alícia – Não é não.

Amanda – Deixa eu voltar agora!

Alícia – Sossega! Grava tua selftape, oxe.

Amanda – Como eu vou gravar minha selftape se tu estas usando o meu corpo? Olha, sinceramente, é a primeira e a última vez... (o áudio é cortado)

Alícia – Ah! (aliviada) Graças a Deus essa mulher parou de falar, eu hein! (começa a tocar o instrumental da música “Por você”. Alícia se levanta e começa a ler uma parte da dissertação em voz alta) – conversando com Deleuze, percebo Alícia como “o irmãozinho como a isca do outro irmãozinho” (ela para e vira pra banca) É sério? Mestra? Mestra é o título? (volta pro texto) – percebo Alícia numa estrutura pendular fantasmagórica... – Ah não, é demais pra mim! (fecha a dissertação e deixa em cima da mesa). Olha já não basta ela me pintar de bebê, me chamar de “feto”, ela ainda vem me chamar de “estrutura-pendular-fantasma...” ah, não! Fantasma não, meu amor! Só sou fantasma porque tu fica me chamando. Do contrário eu tava lá, quietinha no teu estômago junto com o mcdonalds.

Amanda – Gordofóbica!

Alícia – Sou um reflexo de você mesma.

Amanda – Para de ser cínica!

Alícia – Ah, não paro! Sou sagitariana, arqueira, sou cínica mesmo!

Amanda – Eu que sou sagitariana, eu que sou cínica. Tu só és uma invenção.

Alícia – Invenção? Minha irmã, pois eu vou te falar. Invenção é tu mergulhares nessa piração achando que eu não ia aparecer. Invenção é tu achares que é “poético” falar que engoliu um bebê. Se toca!

Alícia começa a cantar “Por você”, música autoral, acompanhada pelo teclado.

Invenção é tu achares que eu não vim pra valer, e querer a todo custo me calar.

Invenção só se for mesmo a tua ideia de ter, duas cabeças e só uma funcionar.

Tá na hora, irmãzinha de acordar pra vida e perceber: num espelho eu não vou tá!

Não sou criança, não sou feto... nem sou erê! E eu nem sei, quem são... (pause na música, ela pega a imagem de cosme e damião) “Ah! Titios!” (volta a música)

Mas se agora me chamou, amor, escuta meu sermão: se eu não quis vir, por que tu insistes em me puxar?

São muitos anos nessa luta, pra te fazer entender, que eu só fui mesmo embora...

Por você.

Invenção é achar que eu sou encosto, assombração, e na verdade a gente teve o mesmo cordão

Então se eu sou essa “estrutura pendular do fantasma” tu seria o que... uma casa assombrada!

Na verdade, eu tô no meio de um pouco de tudo, mas nem tudo é tão dramático assim

Acho sim que seríamos bem diferentes, sinceramente, ia ser melhor assim

São muitos anos nessa luta pra te fazer entender, que eu só fui mesmo embora

Por você

Eu não tô triste, eu sei falar, eu tô dentro de ti

Não tem muita coisa para inventar

É meio óbvio, eu, ter que te explicar

Que só assim que a minha vida vai funcionar

Pela tua voz, pelo teu amor,

Pelos teus sonhos, tua coragem

Se tu vibra baixo, eu também vibro baixo

Mas, calma, eu não tô desencarnada! Eu não nasci! Simples assim.

Mas literalmente, eu tô dentro de ti.

Em outro plano, no meu plano, - oi titios! –

Eu não te odeio, eu só tô liberta!

E um dia talvez, eu te encontre, e te abraçe apertado e te encha o saco

Como eu quis...

Um dia ver...

Nós duas... Sendo livres.

Amanda, seja livre.

Eu tô bem

Vou ficar bem.

São muitos anos nessa luta pra te fazer entender, que eu só fui mesmo embora...

Por você.

Começa um som de percussão como se fosse um coração. Não precisa ser dramático e nem ir aumentando, somente ser paisagem sonora.

Alícia se senta numa das cadeiras, põe uma venda nos olhos.

A percussão para.

Alícia – Parece que ela achou a outra. Parece que às vezes ela também é a outra e me dá um protagonismo que eu nem preciso. Mas já que estou aqui... Não vou demorar, prometo. Mas também não consigo olhar em vossos olhos. Não é que eu sinta vergonha, não é que eu não sinta amor. Eu os amo. Mas não os conheço tão bem. Por isso, permitam-me, queridos, nesse clímax, simplesmente... falar.

Pai, obrigada por comprar àquela tapioca pra gente quando a gente gritou Ê DA TAPIOOOOOCA lá na nove.

Mãe, até hoje lembro que o número do teu celular era 88085316.

Fabírcia, tu tens mesmo o olho que tudo vê?

Mateus, eu vou comprar uma nova peruca pra violeta.

Vô Alexandre, desculpa chutar teu fusca. Hoje em dia eu queria um fusca.

Vó Suely, sabe me dizer se as lojas americanas vão mesmo fechar?

Vó Lúcia, obrigada por cantar pra mim assim: acatchincatchincatchincathin (2x)

Vô Angelísio, eu te encontro jájá.

Ana Laura, Letícia, Fernanda e Rafaela... será que vocês podem me ajudar a voltar pra cadeira em frente ao computador e chegando lá tirar a minha venda? Por favor

Percussão volta

Alícia está em frente ao computador. Alícia dá play na webcam. Alícia recita:

Eu lembro que eu era

Eu lembro que eu era...

Um feto vermelho e arredondado.

Eu lembro que diziam...

Fica. Fica. Fica, FICA! FICA! FICA! FICA! Fica...

Fica... Fica... FICA!

Mas essa garotinha não existe...

Mais.

Alícia dá play na *webcam*.

CENA 3: PARTIDAS 5 E 6 – QUEM É A RAINHA DE COPAS?

Começa a tocar o instrumental da música “Foi Você”

Amanda volta. Se olha na web cam, olha ao redor e percebe toda bagunça feita. Inclusive as roupas no chão.

Amanda levanta, dá uma volta por todas as instalações e quando pega a primeira peça de roupa que estarão em jogo de amarelinha, ela começa a cantar “Foi Você”.

Me deparo então,
Com um jogo na mão,
De suas tralhas ou nossas roupas.
E se quer jogar, ou até, me culpar
Te aconselho: permaneça em pé!

São muitos anos nessa luta para entender, que quem de fato foi embora...
Foi você

Mas eu não vou desistir
Não vou me permitir
Nem perder e nem me culpar...

Mas perder... perder o que?!
Se aqui estou, tão sozinha...
Mais uma vez.

São muitos anos nessa luta para entender, que quem de fato foi embora...
Foi você

E até entender: “te engoli por amor”, minha cabeça já explodiu e fudeu.
São memórias compostas de muito amor, um amor duplo que sequer nem nasceu
Agora eu digo,
Fui eu quem nasci! E fiz morada nessa nossa canção
Mas se é nossa?

Pera!
Essa briga é em vão!
Já perdi! E perdi pra você.
Mas perder...
...perder o que?!
Se aqui eu estou, tão sozinha...
mais uma vez...

(respira fundo e percebe que está com todo o jogo acumulado no corpo)

São muitos anos nessa luta para entender, que quem de fato foi embora...
Foi você...

CENA 4: PARTIDAS 7 E 8 – LADO B

Amanda começa a arrumar o acúmulo de coisas enquanto está tocando um áudio do texto autoral “Lado B”:

Lado B

Lado contrário, suscetível a liberdade, diferença de ideias e opiniões

Lado, onde se concentra a verdade nua e crua

E o abandono da falsidade.

Lado B

Lado que segundo sua própria essência, é contrário, é invertido

Um duplo, porém, secundário.

Um duplo, porém, B e não A.

Lado B

Perfeito para novas visões

Ideal para novas epifanias

Mão na luva para quem quer ser diferente

Eu tenho meu lado B. Mas eu sou

o meu próprio

lado A.

Ao arrumar o acúmulo de coisas, Amanda também arruma a pequena mesa de jantar com sua comida preferida e quatro pratos. Na mesa, tem estrogonofe de carne, arroz, batata palha e coca zero.

CENA 5: PARTIDAS 9 e 10 – COMER PARA CABER: ESTROGONOFE DE CARNE

Começa a tocar uma música como se fosse um reality show. Amanda está de avental de toquinha.

Amanda – Sejam bem-vindos ao episódio gourmet de Cadê a Outra, versão estrogonofe de carne. Essa comida democrática, que por sua vez, é minha comida preferida, carrega afeto, gratidão e tradição. Hoje nessa edição especial de cenas duplas, cozinhei com amor essa comida tão importante para mim, para ofertar para pessoas tão importantes quanto!

Amanda vai chamando pequenos grupos para experimentar sua receita, mas o principal grupo, serão suas irmãs. Essa partida é de fato um happening sem roteirização de falas. A ideia é um momento de comida afetiva com as pessoas que fizeram parte disso.

Amanda – Palmas para os participantes!

A atmosfera muda

Amanda troca de roupa: ou tira a roupa de cozinha, ou volta pra roupa inicial do espetáculo.

CENA 6: PARTIDA 11 – SÓ TEM UMA

Enquanto se reorganiza para a próxima instalação, está tocando o áudio de “Flor, minha flor” do grupo galpão, cantado por sua mãe e sua irmã Letícia.

Amanda volta para a cadeira do computador e liga a webcam. Conversa com Alícia que vai estar por áudio, mais uma vez atrelada a sua mente.

está tocando o instrumental calminho de what i´ve been looking for.

Alícia – Deu certo? Tá feliz que eu te deixei voltar?

Amanda – Ainda não sei se deu certo, só vou saber depois que a banca me avaliar. E me deixar voltar, tu achas realmente que era uma escolha tua?

Alícia – Tem razão

Amanda – Com o quê?

Alícia – Ué, não sei se deu certo, essa tua história de fantasma aí é bem esquisita.

Amanda – Engraçado como tu te referes a ti mesma, né?

Alícia – Eu não, maninha, Giles Deleuze.

Amanda – Hum, hum... andou lendo foi?

Alícia – E não era para ler? Toda hora isso de “cadê a outra, cadê a outra”, uma hora a outra tem que ler. Pelo menos.

Amanda – Verdade. Gostaste, então?

Alícia – É, até que tu és criativa. Espero de verdade que a gente consiga o título.

Amanda – Eu também, até porque eu não aguento mais...

Alícia – Cala a boca, Amanda, tu não tá aprovada ainda...

Amanda – Ops, verdade. Acho melhor eu ir pro epílogo então.

Alícia – Vai lá.

Amanda – Obrigada, viu? A verdade é que a gente nunca se despediu. E mesmo que só tenha uma, sempre vamos ser nós duas.

Alícia – Sempre. Obrigada eu. Que a gente seja cada dia mais livre. Até logo, irmã.

Amanda – Até. Beijo.

Amanda desliga a webcam. Vai para a cadeira oposta que leu o prólogo, pega novamente uma carta de fácil acesso e lê. Esse é o “epílogo”.

Amanda – Belém do Pará, 6 de agosto de 2023, pós espetáculo, casa dos palhaços, reduto. Hoje eu iniciei e findei um ciclo. Hoje eu deixo na cena muita coisa que não volta mais comigo, mas trago coisas novas que nunca sonhei em descobrir. Sou aquela que veio, sou o outro extremo de “cadê a outra?” sou a frase “só tem uma”.

(A luz vai diminuindo)

“I've never had someone that knows me like you do

The way you do

I've never had someone as good for me as you

No one like you

So lonely before, I finally found

What I've been looking for”

(Blackout)

Fico pensando...

Cá com meus...

Botões.

FIM